

**IFSP - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA, DE SÃO PAULO.**

**CURSO PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM
FORMAÇÃO DE PROFESSORES (ÊNFASE NO ENSINO SUPERIOR)**

ADRIANA SANTOS NOGUEIRA

TEMPOS TECNOLÓGICOS E SUAS REPERCUSSÕES NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: O USO DAS TIC'S NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

SÃO PAULO

2016

**IFSP - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA, DE SÃO PAULO.**

**CURSO PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM
FORMAÇÃO DE PROFESSORES (ÊNFASE NO ENSINO SUPERIOR)**

ADRIANA SANTOS NOGUEIRA

**TEMPOS TECNOLÓGICOS E SUAS REPERCUSSÕES NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: O USO DAS TIC'S NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de pós-graduada em formação de professores com ênfase no ensino superior na Instituição Federal de Ensino Superior do Estado de São Paulo.

Orientador: Thomas Edson Figueiras Filho

SÃO PAULO

JULHO DE 2016

ADRIANA SANTOS NOGUEIRA

**IFSP - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, DE
SÃO PAULO.**

**TEMPOS TECNOLÓGICOS E SUAS REPERCUSSÕES NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: O USO DAS TIC'S NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

São Paulo, 08 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

PROF. ORIENTADOR DR. THOMAS EDSON FILGUEIRAS FILHO

MEMBRO DA BANCA PROF. MA. IVANA SOARES PAIM

NOTA DE DEFESA:

AGRADECIMENTOS

A minha madrezona por seus cuidados.

Aos amigos que consolam aos finais de semana com longas conversas.

Aos colegas de trabalho que compreendem o nosso constante mau humor em tempo de
escrita.

A Deus, a quem devo toda a minha vida.

“Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sério, justos e amorosos da vida e dos outros”.

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar, aferir e diagnosticar as consequências decorrentes dos usos meramente técnicos das tecnologias de informação e comunicação na formação pedagógica de professores no ensino superior na educação brasileira. A partir da análise de documentos oficiais que respaldam e urge o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), nas Instituições de Ensino Superior, também como suas repercussões na educação básica e nas escolas públicas no Brasil, que inicio o estudo e a pesquisa. Sem o respaldo de infraestruturas adequadas, incluindo a construção de currículos comprometidos com o tempo e espaço, objetivando a emancipação dos envolvidos nos processos formativos, a pesquisa se desenvolve, entendendo e apontando os problemas decorrentes de uma formação fracionada e pontual, voltada apenas para o cumprimento do currículo operacional, não preocupada com a prática transformadora que hoje é necessária na educação. Por fim, aponto mudanças possíveis e significativas para o processo de ensino e aprendizagem através das TIC's. Para tanto, serão investigadas as produções bibliográficas de egressos universitários, produções acadêmicas, como: revistas, artigos científicos, livros e monografias experimentais desenvolvidas por pesquisadores em núcleos e oficinas específicas, organizações não governamentais, órgãos federais, e em algumas universidades no Brasil.

Palavras Chave: Docência no Ensino Superior, Formação Docente, Novas Tecnologias.

ABSTRACT

The research aims to analyze, assess and diagnose the consequences of purely technical use of information and communication technologies in the pedagogical training of teachers in higher education in Brazilian education. From the analysis of official documents that support and urges the use of Information and Communication Technologies (ICT) in higher education institutions, as well as their impact on basic education and public schools in Brazil, beginning the study and research. Without the support of adequate infrastructure, including the construction of curricula committed to time and space, aiming the emancipation of those involved in training processes, the research develops, understanding and pointing out the problems arising from a fractioned and timely training, geared only for compliance with operational curriculum, not concerned with manufacturing practice which is now required in education. Finally, it points possible and significant changes to the process of teaching and learning through ICT. Therefore, the literature production of university graduates, academic productions will be investigated, such as magazines, papers, books and monographs experimental developed by researchers in specific centers and workshops, non-governmental organizations, federal agencies, and in some universities in Brazil.

Keywords: Teaching in Higher Education, Teacher Training, New Technologies.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO	9
-------------------------	----------

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA PROPOSTA	16
-----------------------------------	-----------

CAPÍTULO 3

As TIC'S na educação brasileira.....	17
---	-----------

Os Jovens se instrumentalizam cada vez mais para o mundo digital.....	21
--	-----------

Refletir o espaço vivido para se nortear diante as redes de ensino que se cria, o qual

Estamos inseridos na atualidade.....	24
---	-----------

O Professor e o uso das TIC'S nas licenciaturas e formações continuadas.....	29
---	-----------

O currículo como base estruturadora do método para o uso das Tecnologias

De Informação e Comunicação nas IES	34
--	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
----------------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	47
---------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

Das mudanças tecnológicas, filosóficas e sociais que urgem o estudo e pesquisa aqui propostos. Voltados a entender a preparação de profissionais da educação para o uso das TIC'S no Ensino Superior no Brasil. Dentro de uma proposta interdisciplinar e integral de ensino, visando a ressignificação do uso das tecnologias e o exercício da descentralização do ensino por meio delas. Diante da realidade universitária e do que se ensina nas formações sobre os usos das TIC'S, objetivei aferir, comparar, diagnosticar e demonstrar os usos atuais que se fazem e fizeram das tecnologias da informação e comunicação na formação superior através de leituras bibliográficas que contemplem tais informações.

Existe uma preocupação recorrente com relação aos impactos causados pelas tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino aprendizagem com as mudanças tecnológicas decorrentes do aumento da produção científica e das transformações sociais das últimas décadas, e isso impõe ao mundo acadêmico uma tomada de posição no exercício de tentar compreender as transformações oferecidas, assimilar e significá-las no universo universitário. Produzir o conhecimento pedagógico necessário e sobre ele auxiliar o homem a ser sujeito da tecnologia que produz, ou resolver simplesmente dar as costas para a atual realidade da nossa sociedade que se fundamenta, na troca de informações (SAMPAIO e LEITE, 2000, apud SANTOS, 2012, pag. 9).

O estudo surgiu com este olhar, visando compreender as múltiplas formações continuadas oferecidas nas universidades, porém, não adequadas diante as disparidades existentes na educação que hoje são oferecidas, e que não abarcam o desenvolvimento holístico no que concerne as suas potencialidades, capaz de criar as habilidades necessárias que desenvolvam no indivíduo a humanização do uso das tecnologias da informação para uma educação que valorize a vida no século XXI.

Uma das principais reflexões que tomam conta da maioria dos pensamentos dos educadores que compõem o quadro de profissionais da educação no país que de fato pensa o futuro da educação, da escola, da formação do indivíduo para a sua autonomia no mundo contemporâneo, são, primeiro a herança tecnológica recebida nessas últimas décadas, como também, suas consequências na vida social humana. O que fazer para conquistar e despertar o interesse do educando no processo educativo para os conteúdos e temas abordados em sua formação diante a grande quantidade de propagandas mercadológicas oferecidas na pós-

modernidade. Quais as consequências advindas destas mudanças, como o caos social estabelecido quando pensamos na realidade da utilização desses meios tecnológicos e sua administração junto à vida cotidiana, e os espaços formativos de educação, e a velocidade de transformação das coisas na Terra. Os velhos moldes de formação centrado na reprodução de exercícios lógicos e tematizados, oferecidos nas universidades através dos cursos de graduação, extensão e formação continuada, no que diz respeito ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC'S) são praticados de maneira incipiente no decorrer dos anos, e não contempla o desenvolvimento filosófico, sociológico e humano do educando conforme deveria ocorrer. Segundo Freyberger (FEUSP, 2004), a prática educativa e a reflexão pedagógica fundamentam-se em concepções (ou até mesmo preconceções) antropológicas, epistemológicas, psicológicas, sociológicas, políticas que apresentam duas dimensões: Uma ontológica (de onde se parte) e a outra Teleológica (dos fins a se alcançar). O educando que passa pelo processo educativo nas licenciaturas, pouco se interessa pelas mudanças tecnológicas atreladas ao ensino e muitas às vezes, justifica a falta de tempo, para se dedicar ao uso das tecnologias necessárias no seu processo de formação, dando preferência ao velho método de ensino, baseado na utilização da explanação com lousa, giz e voz, e a velha transferência de conteúdo.

A presente pesquisa visa coletar dados e informações, quanto aos usos que se fazem das Tecnologias de informação e comunicação (TIC'S) na formação de professores, bem como analisar os pontos corroborados na construção de um currículo que respalde e assegure o uso, a formação na preparação desse profissional para o mercado de trabalho na docência superior. Assim como, concluir quais são as principais dificuldades encontradas pelos profissionais da educação no processo formativo e educativo, além das melhorias que podem ser adotadas e melhoradas para uma melhor assimilação dos conteúdos e das habilidades necessárias, como dos saberes para formação de um profissional da educação, que olha e pensa no futuro. É também objetivo do estudo entender os usos que se fazem e as práticas utilizadas, na aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação na formação dos professores que vão para a escola pública, analisando os pressupostos necessários a uma formação acadêmica que pense o desenvolvimento de habilidades e competências do educando, que valorizem a manutenção das relações em sociedade, a vida, e que capacite o educando para o trabalho em espaços formais e não formais de aprendizado, valorizando relacionamentos interpessoais e coletivos, a harmonia entre os pares, baseado no

desenvolvimento integral do educador que valoriza a escola que pensa e caminha em direção à modernidade.

As constantes evoluções tecnológicas às quais estamos sujeitos impactam a vida social e os laboratórios¹ (Por exemplo, Projeto UFAL 1984), das universidades, e os núcleos de estudos em algumas universidades do Brasil, que muitas às vezes não atentam as demandas provenientes das escolas de educação básica, (“Não é que não fazem uma leitura correta da universidade ou da escola que utilizam as Tecnologias. A questão é que o fazem de maneira insuficiente e então, parcial e errônea”). E em outros espaços de aprendizado, que ainda mantêm seus pesquisadores e estagiários com olhar superficial e apenas teórico sobre a formação inicial. Valorizando de maneira exacerbada o uso meramente técnico dos computadores e das mídias em geral, também como as práticas tradicionais de ensino em salas organizadas como linhas de produção (MOSE, 2013), para a transmissão de conhecimentos prévios, que são muito bem vindos pelas esquizofrenias² existentes em sala de aula, diante a heterogeneidade dos alunos que a compõem, alguns mais novos preferem aulas menos faladas e as pessoas com mais idade, que dão preferência ao velho método, como o da transmissão de conhecimento. Seja por meio da reprodução do conhecimento através dos mesmos raciocínios, pelos mesmos exercícios, ou seja, uma educação tradicional e bancária, que apenas deposita conteúdo sem a reflexão e abstração através de generalizações dos mesmos, conforme explicitou Freire (1976) em seu livro pedagogia do oprimido, reproduzindo apenas a mesma lógica de pensamento e ensino, visando o acúmulo de conhecimento e a reprodução e manutenção do *status quo*, e dos objetivos do Estado, conforme explicado por Saviani (1983) no livro Escola e Democracia.

Pensando nos diversos usos das TIC’S na formação de professores nas universidades, bem como a formação continuada³ de professores e coordenadores pedagógicos, e a estruturação dos diversos currículos universitários existentes, quando articulados e dinâmicos com a realidade contemplam o tempo presente e as necessidades a serem atendidas. O ato de refletir e pensar as contribuições e desconstruções, ocasionadas pelo mau uso das tecnologias de informação e comunicação no processo formativo, e de sua instrumentalização,

¹ Foram seis meses para ocorrer à liberação dos recursos do projeto aprovado pelo MEC, que viabilizaram a compra de apenas seis computadores MSX fabricado pela Gradiente, ao invés dos vinte previstos no projeto, além da implantação da infraestrutura de laboratório e secretaria nos espaços da UFAL. Projeto EDUCOM1984.

² Fiz uso da palavra esquizofrenia para estabelecer relação entre o conceito de esquizofrenia apresentado no dicionário Aurélio e o conflito vivido pelos educadores em sala de aula diante as diversas vontades e desejos existentes no processo de ensino e também aprendizado dos alunos, a serem saciados e contemplados durante as escolhas e caminhos a serem seguidos, porém, também apresentado como um dos principais entraves, pela falta de habilidade mesmo em alunos já adultos, na tomada de decisão e escolha das preferências de conteúdo a serem trabalhados.

bem como, tudo o que trazem os educadores que recém-formados vão para as escolas de educação básica e superior no Brasil. Em uma perspectiva e consideração da formação continuada⁴. Diante da realidade posta, escola e universidade tem perdido por seu atraso estrutural e seu distanciamento entre o conhecimento científica produzido na universidade em núcleos de estudo sobre o uso das TIC'S, e sua utilização nas universidades que não o assimilam como deveria, com a mesma agilidade, não sendo capaz de ensinar o uso adequado, porque muitas às vezes os conteúdos e as práticas aparecem descontextualizadas do seu tempo e espaço tecnológico, ou utilizado de maneira inadequada, quando não, as relações interpessoais e as diferenças pessoais se tornam um impedimento para o desenrolar da prática e o ensino em ambientes formativos.

Os problemas que surgem são muito maiores do que pensamos, são de cunho teórico, estruturais, bem como comportamentais, cognitivos, procedimentais, financeiros, familiares (KENSKI, 2013). Os alunos já adultos, que aprendem por ações, experiências e generalizações⁵, chegam ao espaço formal de educação muito à frente do tempo e espaço tecnológico do universo universitário, na qual estudará por no mínimo três anos, acarretando em consequências e problemas, como a ociosidade, desinteresse, evasão e não assimilação dos conteúdos pela práxis⁶ que não acontece. Os recursos tecnológicos quando usados, não alcançam os seus objetivos por um uso não adequado, são deixados de lado. Por isso a preocupação com a formação⁷ dos professores. Nos artigos investigados, eles os alunos adultos, não se mostraram e não se mostram preparados para a escola de hoje, por não assimilarem as demandas existentes para o futuro da aprendizagem que tem como objetivo a criação de habilidades que o tornem autônomos a sua profissionalização e a vida adulta, com relação ao uso das tecnologias informacionais⁸. Eles ainda se veem presos à transferência de conteúdo, as aulas expositivas, e a valorização apenas da erudição, quando ainda se vive uma rearticulação do processo de ensino e aprendizagem, através de redes. Este despreparo tem se dado por falta de formação adequada, por falta de interesse e valorização pessoal, tempo para assimilação dos conteúdos trabalhados, como também, afirmam vários estudos.

⁴ É consensual a afirmação de que no processo de formação do professor deve-se também levar em conta a “criação de sistemas de formação continuada e permanente para todos os professores”. (MEC, 1999, p.17).

⁵ Schön (1996) realça igualmente o papel da reflexão como fator de aprendizagem profissional, como fator de enriquecimento da experiência e de transformação desta em meio de educação profissional. Segundo ele, é essencialmente pela reflexão sobre a reflexão na ação que a prática e a experiência profissional podem ser melhoradas.

⁶ De acordo com Vázquez (1990, p. 05), a práxis é a categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de transformação.

⁷ Como postula Peter Mayo (2004), o grande desafio ainda é projetar programas educacionais em que os homens são transformados de “objetos” em “sujeitos”.

⁸ O uso das TIC'S, no ambiente escolar precisa ser avaliado pelos professores, não como uma ameaça à atividade de ensinar, mas como um aliado para a promoção do aprendizado, porém não esquecendo que ele (professor) é quem determina o conteúdo e o aluno é o sujeito que manifesta o melhor caminho de assimilação.

A tarefa mais importante consiste em se desenvolver a capacidade do professor para solucionar problemas. Para tal será necessário adaptar os programas de formação às necessidades das decisões dos próprios docentes. (PACHECO, 1996 pág.61).

Pode um professor nesse momento histórico não utilizar tecnologias midiáticas durante o processo educativo? E se o usa, de que maneira o faz, se os conhecimentos produzidos se tornarão obsoletos, no próximo ano, e de tempos em tempos curtos, ou até surgir à próxima tecnologia, e substituirá a já utilizada, como também a do próximo ano⁹. Como lidaremos com essas transformações? E as ferramentas como plataformas virtuais e softwares que já não são adaptáveis ao novo modelo de celulares, smartphones, tablets e computadores, como lidar com a velocidade da produção de novos aparelhos eletrônicos que se tornam obsoletos.

O professorado em meio ao surgimento de novas tecnológicas necessita de outro universo de formação, mais moderno ao seu tempo, que prioriza as relações interpessoais, adaptável às mudanças geracionais, e que trabalhe de maneira colaborativa com a universidade e escola pública de sua localidade, cidade e estado, a fim de tornar simétrica a relação entre os pares. Entre a prática do lugar que se forma, e o ensino, no lugar que se ensina. E a informática educativa é uma dessas possibilidades, bem como atrelar os seus usos objetivando a aproximação dos indivíduos que a utilizam.

Os professores que saem das IES não estão preparados para o uso das TIC'S em sala de aula. A geração X¹⁰, não mais se adapta a universidade da geração Y¹¹, em transe com o surgimento da Z que se caracterizam por perfis de comportamento diferentes. Os formadores de professores não se adequam as mudanças geracionais como deveriam, e preferem apenas a exposição de erudição e de transferência de saberes, ou não resinificam os conteúdos através do uso das mídias e redes sociais disponíveis e tecnológicas e justificam que não evoluíram ao tempo e espaço cibernético, e não apregoam o uso das tecnologias no tempo presente.

A resistência vem das escolas e universidades em se adaptarem ao tempo e espaço tecnológico, ou da falta de recursos financeiros, a falta de estruturação e valorização dos profissionais da educação. E as universidades, porque ainda retardam o uso contínuo como método, didática e prática e acompanham mais de perto os usos das tecnologias em sala de aula nos cursos de licenciatura, para então entender as demandas atuais que nascem do

⁹ Conforme o número de usuários de Internet aumenta, os dados se tornam rapidamente desatualizados (Odell et al, 2000).

¹⁰ Geração X, que compreende a faixa etária entre os 43 e 31 anos, assim chamada por falta de denominação melhor.

¹¹ Geração Y, são filhos superprotegidos e acostumados a terem o que querem para compensar a ausência dos pais workaholics, exige esse equilíbrio entre o profissional e o pessoal, é agitada, inquieta e sabe como nenhuma outra lidar com a tecnologia

processo de ensino e aprendizagem. Como mudar as práticas de incentivo digital na formação dos professores na contemporaneidade? Como lidar com uso de tecnologias nas instituições de ensino superior favorecendo não só a formação do professor, mas também, os ecossistemas e o meio ambiente, aonde o campo educacional se torna o principal lócus de trabalho, criando outro espaço de formação, um novo conceito de aula, através de projetos, conteúdos e competências e incentivos, avaliando a partir dessas referências, usando as transformações sociais em conteúdo, interação e em possibilidade de aprendizagem, alinhando o professor da sociedade digital, ousando e inovando, deixando de lado as resistências, já que é necessário mudar com as mudanças sociais. Seriam as demandas sócias educacionais que enriqueceriam a formação colocando fim no tipo de aluno expectador, e emergindo a possibilidade da formação de um aluno protagonista à procura de uma formação significativa para si e para as atuais demandas da educação superior, não voltado apenas para o mercado de trabalho, mas que também contemple e se preocupe em atender as demandas sociais.

Como humanizar o uso das tecnologias no atual contexto, junto ao despreparo do educador e o desinteresse na utilização de novas tecnologias de informação e comunicação como instrumento didático e metodológico na prática docente em sala de aula que já se utilizam de plataformas digitais para a introdução de notas, conceitos, e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e faltas dos alunos? Que saberes atuais necessários são capazes de abarcar o mundo econômico-social multicultural, multilateral, que se forma em rede e globalizado? Como atender as necessidades e demandas atuais da educação superior, respaldadas não apenas no redimensionamento dos currículos, espaços formativos, e das tecnologias da informação e da comunicação, mas também no desenvolvimento das relações humanas?

Espera-se que a pesquisa possa contribuir significativamente no processo de discussão e redefinição, com vistas ao melhoramento dos Cursos de Licenciatura¹² nas universidades do país, já que o desinteresse aumenta pela falta de valorização aos profissionais, por parte dos alunos e das universidades que oferecem esse tipo de formação, que deveriam ser voltados para o comprometimento com a atualidade do ensino na universidade e na escola de educação

¹² A área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita (FVC) encomendou à Fundação Carlos Chagas (FCC) um mergulho no tema e os dados comprovam: apenas 2% dos estudantes que estão concluindo o Ensino Médio têm como primeira opção no vestibular graduações diretamente relacionadas à atuação em sala de aula – Pedagogia ou alguma Licenciatura. Outros 9% mencionam a intenção de cursar disciplinas da Educação Básica, como Letras, História e Matemática, o que não garante que venham a se interessar por lecionar (confira mais detalhes no gráfico da página seguinte). A edição especial ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO BRASIL é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita, 2009.

básica, bem como inculcar e fomentar discussões sobre os problemas presentes na escola e na construção do currículo não estar sendo efetiva do ponto de vista de sua prática e utilização.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Em um contexto econômico favorável a potencialização do consumo através dos meios de comunicação e das mídias em geral, que tem nas tecnologias um dos seus principais caminhos para o aprendizado e o consumo, foi que fiz a leitura de textos concernentes, assim como de artigos, revistas e monográficas acadêmicas produzidas no país. Textos estes que retratassem e que relatassem fatos e práticas metodológicas e didáticas de professores universitários que formaram professores e docentes nas universidades do Brasil para educação superior, como também os relatos de trabalhos de professores da educação básica. Através da leitura e releitura desses textos, procurando identificar, comparar e concluir, através da análise e compreensão dos dados coletados, e síntese e hipótese, concluir e produzir uma tese final.

Começando primeiro por:

1. Observar as infraestruturas oferecidas na formação dos professores, e os temas e conteúdos tratados.
2. Analisar e comparar dados qualitativos e quantitativos com relação aos usos de tecnologias nos cursos de licenciatura e na história da educação brasileira.
3. Verificar carga horária, e grade curricular do curso.
4. Entender a relação tempo espaço, trabalho, objetivos e produção científica dos candidatos, quanto à apropriação e utilização das TIC'S na formação superior.
5. Coletar dados historiográficos sobre a utilização do uso das TIC'S nas nos IES e também de algumas escolas públicas no Brasil.
6. Verificar legislação vigente que respalde o uso dessas tecnologias, como também recursos encaminhados para o desenvolvimento de projetos de capacitação e formação continuada nos cursos de extensão e em projetos de estagio nas IES.

CAPÍTULO 3

AS TIC'S NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Diante o crescimento exponencial da internet e das redes digitais, as Universidades no mundo e no Brasil, como centros de produção do conhecimento, assumiram seu papel investigativo e fundamental na leitura do momento tecnológico que vivíamos, sendo responsáveis com o seu compromisso de centro de produção de conhecimento científico e tecnológico para o desenvolvimento de nossa Nação, se responsabilizou com o compromisso de formar professores capacitados para a formação de outros professores como observado nas literaturas e pesquisas produzidas, através dos cursos de graduação e extensão oferecidos. Assim, a formação de professores que mediassem o ensino e a aprendizagem, capazes de ler o mundo que emergia e se transformava, era urgente. A formação passaria a ir além dos espaços concretos de formação, e as habilidades, atitudes, conhecimentos e valores que deveriam ser desenvolvidas, transformaram-se, e modificaram-se, ao longo do tempo.

Superar o velho molde formativo, que antes era baseado apenas nos conteudismos epistemológicos, (tendência a valorizar mais o conteúdo do que a forma) e em aulas expositivas, segundo a Professora Dra. Adriana Rocha Bruno, que afirma que boa parte do processo de ensino se dá dessa maneira, pelo método da transferência de conteúdo e exercícios que desenvolvem a mesma lógica, para uma outra educação em espaços virtuais de comunicação e de produção de informações da vida social e econômica, junto à necessidade de um profissional que assimile todas essas mudanças, foi sugerido, o uso de plataformas como exemplo os MOOCs¹³, que se utilizam dos ambientes virtuais de aprendizado para fornecer cursos livres abertos para as massas, como uma extensão ou suporte de aprendizado virtual das universidades. Temos os cursos de graduação que possibilitam uma nova forma de ensino, que é feito a distância. Ambos fornecidos por universidades do continente americano, como no europeu e Asiático, através dos ambientes virtuais de aprendizado, com uma promessa de democratização do acesso ao Ensino Superior.

¹³ Os “MOOCs” – cursos online abertos e dirigidos a um público amplo (na sigla inglesa para Massive Online Open Course) – têm se multiplicado em ritmo acelerado pela rede nos últimos anos. Desde que os MOOCs surgiram, os "massive open online courses", o rumo dos **cursos online** tem mudado. Esses cursos têm como objetivo principal levar **conteúdo gratuito** e online para um grande número de pessoas de forma fácil e eficaz. 22 de Outubro de 2013. Universia.net

Revolucionaram a academia e a universidade e conseqüentemente a sociedade e seus espaços de formação. Nada teria mais potencial para tirar as pessoas da pobreza¹⁴. Segundo Baumam (2012),

”As últimas décadas foram uma época de expansão ilimitada de toda e qualquer forma de educação superior e de aumento incontrolável no tamanho das coortes de estudantes. Um diploma universitário significava a promessa de bons empregos, prosperidade e glória, um volume de recompensas em crescimento constante para se equiparar às fileiras em contínua expansão dos portadores de diplomas”. (BAUMAM 2012, pág. 28)

No sentido da formação, da profissionalização, prometendo a possibilidade de um trabalho melhor, e de sua inserção no mercado de trabalho, através do que as plataformas digitais de aprendizado propuseram. Por suas facilidades oferecidas, praticidades, e baixo custo. Só no Brasil eram 340 mil alunos conectados nessa plataforma, formando o quarto maior público em 2012. Em 2015 a plataforma Coursera, firmou parcerias com as duas principais universidades estaduais do país, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Campinas (UNICAMP), que disponibilizariam seus MOOCs no mesmo ano, segundo Revista Carta na Escola 2014.

A caracterização da instituição escolar, sobretudo fundamentada no ambiente aonde se localiza, ou seja, no espaço físico onde se encontra em um determinado período e sociedade, materializando aspirações, conflitos e incertezas vividas. Com essa perspectiva e sua evolução estagnada, parece ter parado no tempo, já que a escola continua a mesma, com os mesmos mobiliários, mesmas nomenclaturas dada a divisão das áreas do saber e do conhecimento através de disciplinas, que são conhecimentos fragmentados, separando e dividindo a compreensão que temos do todo vivido e sentido sobre o planeta que habitamos. Sempre sendo construída a mesma maneira, de modo bastante desatualizado, fazendo-nos inferir qual a razão desse hiato criado e quais as intenções existentes atrás da descontextualização do espaço escolar (FRANÇA, 1994, p. 57).

Já sabemos das mudanças que vem acontecendo nas formas de educação, uma mudança que está levando o ensino e o mundo a outra cultura, que conhecemos hoje como digital. Boa parte das conversas entre as pessoas são online. Usamos o smartphone diariamente em todo o tempo, conseguimos informar e nos formar de qualquer lugar no

¹⁴ Baumam defende a ideia em seu livro *Sobre Educação e Juventude* na educação de 2012, que a ideia de superação da pobreza através da educação é um mito fundamentado por ideias progressistas.

mundo, desde que estejamos conectados à rede mundial de computadores, e uma plataforma¹⁵ de ensino na internet.

A Internet mudou o hábito comportamental das pessoas ao redor do mundo, independentemente da idade, sexo, classe social e estilo de vida, e o crescimento de seu uso em vários países, fez impactar a vida social de todos que usam as tecnologias de informação e comunicação criando a necessidade de estudos científicos a respeito de seu uso social no mundo e no Brasil (KENSKI, 2013). E essa discussão vai acontecer exatamente entre universitários em seminários na década de 1980, pensando o seu uso educativo na sociedade.

Desde meados da década de 90 do século XX, a sociedade passa por mudanças significativas no que diz respeito à utilização da internet e à informatização dos conhecimentos produzidos. O surgimento da Cibercultura,¹⁶ a valorização das tecnologias digitais ocorre em vários setores, inclusive o da educação (KENSKI, 2013). Nesse contexto a popularização da internet possibilitou um relacionamento multilateral em rede, que daria a sociedade a partir de então uma nova forma de se relacionar e uma nova nomeação, passando então a se chamar de sociedade da informação e do conhecimento. E não seria por acaso, as informações que antes eram ligadas por palavras, imagens e símbolos, característica da sociedade informacional, passou com o surgimento das redes sociais, a construir conhecimento em tempo real, através das múltiplas trocas que se realizavam e que eram e são feitas pelas pessoas que a compõem, desestruturando os velhos moldes estruturantes do poder econômico e social, possibilitando a quem esteja presente, se tornar autor e coautor de informações que postumamente se tornarão conhecimento que serão compartilhados e sistematizados.

Trata-se de um novo tempo do uso de uma tecnologia singular, que engloba uma variedade de atividades e mídias, que incluem websites, chats, e-mails, blogs etc. Com conteúdos constantemente mutáveis e diversos e obsoletos ao tempo social do homem, que não é capaz de assimilá-lo em sua totalidade, diante sua capacidade de renovar-se, diante as trocas que se tornaram diretas nas redes sociais (MOSÉ, 2013, p. 56). As pessoas antes excluídas passaram a se integrar no espaço virtual e ganharam voz no novo local de estabelecer relações

¹⁵ Uma plataforma é assim um conjunto de códigos (sons, letras, dígitos) que estabelece um parâmetro de comunicação e informação, construída de forma coletiva, a partir do esforço de toda a sociedade. As mídias “rodam” em cima dessa plataforma, com os novos potenciais que oferecem.

¹⁶ Conjunto e técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (KESNKI, 2012).

sociais chamadas ciberespaço¹⁷. MOSÉ (2013). Em seu livro na “A escola e os desafios contemporâneos” na página 226, Viviane Mosé, fala sobre a democratização da informação que potencializou os usuários a adquirirem conhecimento, e transformá-lo em atitudes, viabilizando novos modelos de gerar lucro, de administrar, e gerir lideranças. Segundo TEO e LIM (2000), além de ter impacto nos negócios, ela está redefinindo a identidade humana, já que as pessoas exploram as fronteiras de suas personalidades, adotam múltiplas personalidades e formam relações virtuais que podem ser mais intensas que os reais.

A primeira discussão sobre a utilização de computadores e a informática educativa no Brasil, de acordo com MORAES (1993 Apud LOPES et al 2009), foi feito na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que tinha como tema discutir o uso de computadores para o ensino de Física. Em 1973 o debate foi estendido a outras universidades e as pioneiras foram a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1975, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

No primeiro momento ela foi utilizada como recurso auxiliar dos professores na avaliação e simulações da disciplina de Química e depois na utilização de computadores como ferramenta na elaboração e desenvolvimento de softwares educativos.

Segundo a revista Estudos e Pesquisas Educacionais, em 1975, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) iniciou uma cooperação técnica com o Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT) para investigar o uso de computadores com linguagem LOGO na Educação Infantil (VALENTE, 1999), apesar da linguagem LOGO ter sido criada em 1967 e muito utilizada em projetos para a educação infantil ao redor do mundo.

Na década de 80 mais um avanço aconteceu, nesse momento se iniciava o debate de ideias sobre o uso de computadores para o ensino e aprendizagem nas universidades, quando nasceu o Projeto Educom, em 1984 com iniciativa conjunta do MEC, Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e Secretaria Especial de Informática da Presidência da República (SEI/PR), voltada para a criação de núcleos interdisciplinares de pesquisa e formação de Recursos Humanos nas Universidades do Rio

¹⁷ Para Pierre Lévy (2000, p.25): O ciberespaço é um dispositivo interativo e comunicatório, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva, trata-se de um novo espaço de “socialização, organização e transação e um novo mercado da informação e do conhecimento”.

¹⁸ Ainda na década de 1970, destacam-se as experiências do Laboratório de Estudos Cognitivos do Instituto de Psicologia (LEC) da UFRGS, apoiadas nas teorias de Piaget e Papert, com crianças com dificuldades de aprendizagem de leitura, escrita e cálculo.

Grande do Sul, do Rio de Janeiro, Pernambuco (UFPE), Minas Gerais (UFMG) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Lopes et al (2009).

Apesar das dificuldades financeiras, este projeto foi o marco principal do processo de geração de base científica e formulação da política nacional de informática educativa. Os resultados do Projeto Educom fizeram com que o MEC criasse em 1986, o Programa de Ação Imediata em Informática na Educação de 1º e 2º graus, destinado a capacitar professores (Projeto Formar) e a implantar infraestruturas de suporte nas secretarias estaduais de educação (Centros de Informática Aplicada à Educação de 1º e 2º graus, nas escolas técnicas federais (Centros de Informática na Educação Tecnológica e nas universidades) e (Centro de Informática na Educação Superior – Cies). (MORAES, 1993 Apud Lopes 2009).

Os Jovens se instrumentalizam cada vez mais para viverem no mundo digital

O crescente uso da internet entre os jovens no Brasil, como demonstra dados do Instituto Brasileiro de Gerenciamento e Estatística que em 2014, mostram que 54,4% da população brasileira acima de 9 anos já havia tido algum tipo de acesso à internet, e 77,9% deles acessaram a Internet através de um aparelho smartphone. (PNAD, 2014 - IBGE). Demonstrando o aumento da presença das crianças, jovens e adolescentes utilizando as mídias digitais como meio de compra e comunicação. As universidades dos países precisam acompanhar as mudanças tecnológicas que acontecem na sociedade, ou ficará a mercê de todas as intempéries que surgem com o passar dos anos, seja relacionado à estrutura escolar que dá suporte as transformações tecnológicas por falta de verbas como está acontecendo agora no ano de 2016 na administração do Governador Geraldo Alckmin. Seja de ordem comportamental, como casos de indisciplina, violência coletiva, ociosidade e desinteresse, seja de ordem estrutural, como a falta de técnicos capacitados a capacitar outras pessoas, ou a mediar o processo de aprendizado, assim como laboratórios e aparelhos eletrônicos que possam ser utilizados com esse fim.

Entre os alunos a despreocupação com os temas abordados pela repetição do método e dos conteúdos, e ausência de possibilidades do desenvolvimento nos adolescentes, de habilidades e competências que hoje são exigidas pelas diversas profissões no mercado de trabalho. Outras questões, como o uso precoce da internet pelas crianças, e seu poder de influência em suas vidas cotidianas, seja para compras de produtos pessoais, seja para o

estudo, para os jogos virtuais, ou para se comunicar com os amigos através das redes sociais, fundamentando a nossa preocupação com relação às mudanças necessárias que devem ser feitas e aceitas por todos nas escolas e universidades no país diante ao fenômeno chamado globalização, que instala um globalitarismo¹⁹ das compras e adaptações para quem deseja fazer parte do mundo globalizado que vivemos.

Os jovens brasileiros entre 12 e 24 anos estão na segunda posição no ranking mundial de tempo de navegação, e só perdem para os norte-americanos com potencial de compra, navegam 25% mais páginas do que aqueles mais próximos dos 25 anos, conforme revista (IBOPE, 2003). O consumo entre eles varia em mais ou menos 1 bilhão de reais por mês. É o que diz Bourguignon, em seu artigo que estuda o comportamento do uso da internet por jovens do gênero masculino e feminino, em uma teoria do comportamento dos adolescentes em relação à Internet. Se os jovens acessam mais páginas que os adultos, conseqüentemente também possuem mais informações que eles, têm mais domínio sobre atualidade no que diz respeito a tudo aquilo que a idade almeja, como tecnologias, jogos, moda juvenil, música e etc. Quando chegam ao final da adolescência e ingressam na universidade, lidam com professores despreparados com relação as informações utilizadas em salas de aula, que as vezes estão desatualizadas, e que acabam não sendo trabalhadas e tratadas da mesma maneira que, vemos nos espaços virtuais de comunicação, aumentando o desinteresse pelas aulas e pelo ensino proposto pelos métodos e práticas démodés em nas salas e classes de aulas.

Ensinar requer habilidades e competências que tornem o professor capaz de desenvolver todas as suas potencialidades, como sugerido e apresentado no documento da UNESCO (DELORS, 1996)²⁰ que identifica às aprendizagens fundamentais que deverão constituir os pilares do conhecimento. Precisamos de tecnologia, mais velocidade nas mudanças no método, nas estruturas, nos currículos, todavia os recursos tecnológicos apenas, não serão capazes de possibilitar as mudanças necessárias para o ensino no que diz respeito as habilidades apontadas nos documentos oficiais de orientação, para a escola e para a

¹⁹ Milton Santos se refere com frequência ao termo “globalitarismo”, utilizado por ele para expressar o totalitarismo que as nações hegemônicas impõem sobre as camadas populares, seja no âmbito econômico ou social.

²⁰ Aprender a conhecer - adquirir os instrumentos da compreensão, dominar os instrumentos do conhecimento, isto é, aprender a aprender, fornece as bases para aprendê-lo durante a vida inteira; • Aprender a fazer - para poder agir sobre o meio envolvente. Uma combinação de competência técnica com a social - capacidade de trabalhar em equipe, iniciativa; • Aprender a viver junto com as outras pessoas - conhecer sua história, cooperar, participar de projetos comuns, criando nova mentalidade de partilhar da realização da vida, de melhor qualidade para todos, incluindo aqueles ainda excluídos dessas qualidades vitais; • Aprender a ser – é fundamental, integra os três anteriores, envolve discernimento, imaginação, capacidade de cuidar do seu destino. (BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Relatório Delors. Brasília: UNESCO, 1996.).

universidade que queremos, e nem o domínio pleno de determinados conhecimentos²¹. Ele será sempre limitado em si diante a velocidade das transformações sociais que ocorrem. MOSÉ (2013) em uma de suas palestras, disse que a ciência e a tecnologia já estão altamente desenvolvidas, e o que é urgente e precisa ser desenvolvido, são as relações humanas na atual sociedade que vivemos. De outra maneira isso é afirmado em um documento da UNESCO.

“Pesquisas nacionais e internacionais indicam que a simples existência de computadores nas escolas não se traduz em melhoria de desempenho escolar, embora o acesso a computadores e à internet seja muito valorizado pela sociedade e tenha alto impacto político” (UNESCO, 2008).

Precisamos aprender a viver juntos, a se relacionar com o outro, abandonando os antigos preconceitos, e limites impostos pela divisão de classes que conhecemos. Passando a pensar uma formação que auxiliem o educando em seu processo de desenvolvimento intelectual e cognitivo, mas também os faça e os tornem autônomos, capazes, e competentes em seu desenvolvimento profissional.

As tecnologias digitais criaram uma nova cultura de forma geral diante a banalização do uso da internet e do amontoado de conteúdos disponíveis e inúteis (KENSKI, 2013), e à instrumentalização intelectual e técnica dos professores se fez necessária diante o redimensionamento da vida cotidiana e profissional, não só para selecionar conteúdos, mas também para satisfazer às necessidades básicas dos alunos da educação universitária. A formação do professor que também pesquisa continuou sendo a prioridade diante a potencialidade das tecnologias, dos seus usos e da produção de conhecimento que se deu com a banalização das informações.

²¹ É preciso avançar além da simples implementação técnica de computadores e internet nas escolas, entendendo como as relações didático-pedagógicas (que envolvem os alunos, professores e gestores) acontecem com as novas tecnologias e que dificuldades há nessas relações (MAZZILLI, 2005).

Refletir o espaço vivido para se nortear diante as redes de ensino que se cria, o qual estamos inseridos na atualidade.

O uso da Internet na escola é exigência das próprias mudanças sociais, “Na cibercultura, a lógica comunicacional supõe rede hipertextual, multiplicidade, interatividade, imaterialidade, virtualidade, tempo real, multissensorialidade e multidirecionalidade ”(LEMOS, 2002; LEVY, 1999 apud SILVA, 2004. Pág. 64). Todos esses conceitos e neologismos estão sendo utilizados de maneira adequada e coerente na prática formativa. Isto é, do novo ambiente comunicacional-cultural que surge com a interconexão mundial de computadores em forte expansão no início do século XXI. O mundo formativo dos professores que assimila parcialmente a produção científica produzido em laboratórios de pesquisa nas universidades, mas nem sempre utilizadas e praticadas na formação de professores, da maneira como almejávamos. “Os laboratórios das Universidades quase sempre são criados para os cursos voltados para a computação, redes, cursos de engenharia de maneira em geral.” (ALMEIDA, 2013). Sempre com limitações, e parcialmente suficientes para o dia a dia que vivemos no processo educativo que acontece nos espaços formativos, formais e não formais de educação.

O Novo espaço de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e de educação são ambientes comumente usados pelos educadores como plataformas de apoio a aprendizagem. “Entre os principais temas que frequentemente surgem como discussão em sala de professores e reuniões pedagógicas sobre a formação de professores na contemporaneidade são: Questionamento de ordem filosóficos, ligados a formação do educando²² para a vida, como também a formação continuada do docente, quanto ao uso de Tecnologias da informação e comunicação. Em segundo plano ficam os problemas estruturais, como ausência de insumos tecnológicos para o trabalho nos laboratórios universitários em outros espaços formativos. As pessoas pensam a formação continuada necessária aos professores, além da valorização do profissional, também o plano de carreira que os levam ao desinteresse pela profissão e a desmotivação. Diante a situação real que vivemos me pergunto, que mundo queremos para o futuro? Um mundo habitável por todos, aonde sejam aceitas todas as subjetividades e diferenças e que contemplem a vontade de todos. E quais são os alunos que formamos para habita-lo?

²² Se a escola não inclui a Internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura. Quando o professor convida o aprendiz a um site, ele não apenas lança mão da nova mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse aprendiz na cibercultura.

O que o mundo não tem desejado apesar de nós educadores desejarmos, é uma formação que seja completa, que crie e forme homens de bem para habitarem e viverem uma vida em sociedade, ao contrário do que andamos habitualmente vendo. Homens e Mulheres que ainda não se emanciparam quanto a viverem sem os pais, que se tornaram egoístas, mimados e preocupados apenas com a realização pessoal. Uma vida baseada no prazer momentâneo, em uma vida hedonista reduzida a auto satisfação.

O mundo pós-moderno, mediado pela força dos meios de comunicação e pela velocidade das transformações sociais, fez da economia e do ensino, refém e instrumento de reprodução e manutenção da atual conjuntura, e as universidades cumpriram seu papel, se vendendo aos interesses puramente econômicos, fomentadas pelas indústrias e amparadas pelas políticas econômicas de Estado. A fluidez do mundo líquido²³ também chega à universidade (Baumam, 2008/2009, pág. 6), e a educação se coloca mais uma vez como principal ferramenta de mudança social, travando uma grande luta entre a velha maneira de ensinar e a nova que conhecemos, já que transitamos das mídias clássicas para as on-line²⁴, entre o gosto dos educandos que muitas às vezes valorizam professores mais tradicionais que operam através da transmissão de conteúdos e conhecimentos. A possibilidade do uso das novas tecnologias na educação no séc. XXI como parte da evolução social e da emancipação do educando na educação contemporânea em espaços acadêmicos e educacionais, são necessidades urgentes e vem sendo praticada ainda de maneira paulatina e insipiente pelos professores formadores de professores, em algumas universidades, como a FEUSP, UERGS, UFSC, que tem os exemplos citados durante a escrita do texto. Não queremos informatizar o ensino o que desejamos é que as tecnologias que são utilizadas de acordo com os propósitos educacionais e as estratégias mais adequadas para propiciar ao aluno a aprendizagem, não se tratando da informatização do ensino, que reduz as tecnologias a meros instrumentos para instruí-lo.

Essa breve contextualização é importante para entendermos e estudarmos os atuais métodos e práticas utilizados na formação de professores, quanto ao uso das tecnologias de informação e comunicação, não desvinculada da sociedade na qual vivemos e dos cenários tecnológicos já estruturados que se faz necessária para entendermos o atual contexto tecnológico. A necessidade de um salto de qualidade com tecnologias na formação docente,

²³ O mundo que chamo de "líquido" porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo

²⁴ A mídia on-line faz melhor a difusão da mensagem e vai além disso: a mensagem pode ser manipulada, modificada à vontade "graças a um controle total de sua microestrutura [bit por bit]". Imagem, som e texto não têm materialidade fixa. Podem ser manipulados dependendo unicamente da opção crítica do usuário ao lidar com Mouse, tela tátil, joystick, teclado, etc. (LÉVY, 1998, p. 51).

orientados pelo Plano Nacional de Educação e outras políticas públicas pensando nas novas tecnológicas da informação e comunicação e em seus usos na educação superior na formação docente, se faz urgente, porém, não mais do que aprendermos a viver juntos, e a nos relacionarmos, a convivermos em uma sociedade que aprendeu a produzir conhecimento e a compartilhá-lo²⁵, de maneira a lidar com os impasses postos pela IES, em seu atraso estrutural, que tem sido superado lentamente.

Segundo o Plano Nacional de Educação que promove a renovação do ensino universitário brasileiro apontando a necessidade do uso de tecnologias no processo de ensino, é preciso, reformular também, o rígido sistema atual de controles burocráticos.

A efetiva autonomia das universidades, a ampliação da margem de liberdade das instituições não universitárias e a permanente avaliação dos currículos que constituem medidas tão necessárias, quanto urgentes, para que a educação superior possa enfrentar as rápidas transformações por que passa a sociedade brasileira e constituir um polo formulador de caminhos para o desenvolvimento humano em nosso país. Introduzir o uso das novas tecnologias da informação e comunicação nesse contexto em um currículo universitário também se tornou um desafio para as universidades e escolas. Claro que não queremos só inclui-los, mais aplicá-los, abarcando junto todos os profissionais e pares que compõem o processo educativo.

Faltam profissionais da educação aptos a lerem a sociedade em que vivemos, e o atual contexto econômico e profissional o qual estamos inseridos. Falta um profissional que seja capaz de compreender os afetos e desafetos que mediam as inter-relações na escola, para então sermos capazes de construir uma escrita para um currículo que contemplem a todos os elementos que compõem a escola e a universidade, como polo gerador de mão de obra e como centro de formação que recebe as últimas novidades tecnológicas do mercado, por ser ele quem as produz. Cada um com suas particularidades. O profissional que se forma na universidade deve voltar para a escola dotado da capacidade de escrever, ler, de compreender quais os elementos que devem ser lidos e interpretados, dentro de um conjunto maiores de ações, como a economia e o Estado, com suas políticas econômicas norteadas por Transnacionais, Indústrias, Grandes Construtoras, e demais interessados que acabam por deixar-nos submissos aos desmandos, e as demandas, e suas orientações econômicas.

²⁵ A sociedade, em que todos estão ligados por inúmeros canais, em uma comunicação que acontece de modo espontâneo, provisório e pontual, em meio a uma multiplicidade de acessos e informações, termina por valorizar todo núcleo capaz de atingir pessoas e faz isso quem tem alguma coisa a dizer, quem tem algum tipo de conteúdo e quem compartilha. (MOSÉ, 2013).

Segundo Bianconcini (2013, pág.40), o histórico da utilização das TIC'S, e de suas experiências no país, pensando um currículo que apoie em todas as suas funções, os seus usos na vida cotidiana escolar e universitária. A pesquisadora traça uma narrativa e justifica o uso pedagógico das TIC'S na formação de professores, pensando em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), e com as demais leis que fundamentam e asseguram o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, junto à possibilidade da construção de um currículo que a contemple e que seja emancipador em si, baseado em experiências²⁶, pensado para a redução de conteúdo, o esmiuçar das partes, a possibilidade da assimilação dos mesmos, através de atividades e linguagens múltiplas, dentro de uma variedade imensa de possibilidades de aprendizagem e interação usando como ferramenta a internet e as plataformas e redes sociais digitais que estão disponíveis, a eliminação da utilização das mesmas racionalizações de exercícios, como a exemplo, cálculos repetidos, visualização de mesmas imagens, repetição de canções ultrapassadas ao tempo que se vive, sem a possibilidade de comparação entre conteúdos já utilizados, que se usam, e que mudaram apenas de aparência, ou seja, travestidos de outras vestes. Diante as novas demandas, são algumas sugestões e possibilidades de temas e métodos propostos para o desenvolvimento das potencialidades do educando para a formação profissional²⁷. Preocupado apenas com a discussão de conceitos, e ideias, limitados apenas a disciplinas ou áreas do saber que não estimula a possibilidade de criação e criatividade, o fazer pedagógico acaba se tornando limítrofe, limitado e incapaz de suprir e cumprir sua função social “Esse ponto de vista implica em consequências, que não a da concepção do ser humano como "histórico e inacabado" e conseqüentemente sempre pronto a aprender. No caso particular dos professores, isso se reflete na necessidade de formação rigorosa e permanente”. (FREIRE, 1995). Desse modo, o texto narrativo se coaduna com uma concepção de currículo narrativo, criado a partir dos indivíduos narradores. Este trabalho caracteriza-se pela produção de um conhecimento sistematizado a partir da interpretação da experiência narrativa que retrata uma trajetória de buscas, descobertas e sonhos como “motivos centrais para a contínua elaboração de uma missão de vida” (GOODSON, 2007, p. 248) pensando uma perspectiva emancipadora.

²⁶ A experiência é tida como condição inerente da aprendizagem que envolve os sujeitos e as relações que ele estabelece com o mundo em “processos de experienciar...” (DEWEY, 1950, p. 4).

²⁷ A formação docente como processo sistemático e intencional possibilita ao professor Condições para ampliação do saber, saber-fazer e saber-ser (MEDEIROS, 2007).

O entusiasmo e a euforia com as transformações propiciadas pelo uso educativo do computador tomaram conta da nossa equipe de trabalho no NIES, contagiando professores das escolas e crianças que participavam de nossos cursos e oficinas. Vislumbrávamos possibilidades de efetivas mudanças na educação, mas à medida que os computadores começaram a adentrar os espaços escolares passamos a observar pequena utilização na prática pedagógica, problemas técnicos e de logística, inadequação da preparação de professores e resistência de professores interessados em manter as práticas inalteradas aspectos notados também em outros países, como na França, Portugal e Estados Unidos (BIANCONCINI, 2013. Pág 11).

De maneira em geral os problemas apresentados no decorrer do desenvolvimento de projetos ligados ao uso das TIS'S na formação pedagógica de professores em várias universidades no país. A exemplo, os diversos cursos oferecidos pelo MEC e pelos governos estaduais em parcerias com o Programa de Educação Continuada, PUC-SP, UNICAMP, UFAL, que se apresentam com os mesmos percalços do que hoje vivenciamos em núcleos de formação de professores, com algumas exceções. Ausência de infraestruturas informacionais adequadas, seja de máquinas, seja de redes de internet, como também de professores capacitados ao momento presente, disponíveis a participarem do processo formativo continuado.

Ela que foi professora, coordenadora, orientadora de cursos de formação, graduação, pós-graduação e mestrado, agora aponta para a formação de novos pesquisadores e orientadores e o aprofundamento de estudos, do que já o fazia na graduação, alargando o espaço de diálogo e reflexão com os estudantes, e dos profissionais amadurecidos em formação. Ela também usou como estratégia mais eficaz em seu projeto, introduzir os seus orientandos como formadores em projetos de extensão voltados à formação de educadores para o uso das TDIC na escola.

Segundo Costa et. al (2013), a formação docente como processo sistemático e intencional possibilita ao professor condições para ampliação do saber, saber-fazer e saber-ser (MEDEIROS, 2007). Estas condições são extremamente necessárias para a consolidação efetiva da prática pedagógica docente, que certamente, resultarão em novas formas de ensinar, favorecendo assim a aprendizagem dos alunos e sucesso da instituição. A formação docente, portanto, deve ser adequada às necessidades profissionais em contextos educativos e sociais em evolução. O professor deve participar das decisões relativas ao seu trabalho, sendo que a instituição formadora ou a escola em que está inserido deve situá-lo diante dos novos conceitos, métodos, paradigmas e tecnologias. O que se entende também como uma forma de formação continuada ou permanente. Segundo Mercado (1999), o processo de formação continuada permite condições para o professor construir conhecimento sobre as tecnologias, entender por que e como integrar ações estas, na sua prática pedagógica.

O resultado da pesquisa foi satisfatório, pois constatou que os docentes possuem entendimento e compreensão da importância do uso das TIC's, "tecnologias de informação e comunicação" na educação, além de entenderem quão grandiosas tem sido suas contribuições como ferramentas de ensino e aprendizagem no andar da carruagem na formação continuada, culminando assim em mudanças que a utilização destes recursos acarreta na prática docente, a partir do papel pedagógico que tais profissionais têm desempenhado cotidianamente em sala de aula. Esse cenário de mudanças proporcionados pela inclusão de tecnologias pode evitar o surgimento de excluídos digitais, haja vista ao acesso e democratização de tecnologias, a exemplo da Internet.

Ambos os pesquisados apontam e afirmam que o uso das tecnologias da informação e comunicação é fundamental para o tempo que se vive, e que a instrumentalização dos professores para os seus usos é também de fundamental importância. Essas ferramentas são de tal importância para a evolução do ensino e aprendizagem dos profissionais da educação, quanto equipar escolar com insumos tecnológicos. Atrair as TIC'S a pedagogia, criando metodologias diversificadas através das múltiplas linguagens trabalhadas, como também, a estruturação de espaços e núcleos de formação que sejam adequados à modernidade, são pressupostos indispensáveis à vida do educador que forma professores.

O Professor e o uso das TIC'S nas licenciaturas e formações continuadas

Entre a sociedade em que habitamos e a escola que estagnada fica, surge à necessidade de um debate sobre uma nova universidade para o futuro, como a formação de um novo profissional da educação²⁸ que seja mediador no processo de ensino. As técnicas criadas e utilizadas para a produção de conhecimento científico encurtaram o tempo e o espaço, e o homem deficitário em capacidade e desenvoltura diante o potencial das máquinas no processo de assimilação e memorização de informações, ganhou auxiliares, como o de computadores, softwares e o da memória digital (MOSÉ,2013). As tecnologias criadas ajudou o indivíduo que aprende e esquece o que foi memorizado com muita facilidade a armazenar e a processar o

²⁸ Esta nova situação é uma importante oportunidade para que o professor possa refletir sobre a realidade histórica e tecnológica, repensar sua prática e construir novas formas de ação que permitam não só lidar com essa nova realidade, como também construí-la (Unesco, 2008b; 2008c).

conhecimento produzido com mais eficiência²⁹. Todavia as necessidades são outras na formação docente diante as transformações sociais, com tecnologias interativas que ficam a serviço da aprendizagem colaborativa nas escolas e nas universidades, como dito por Behrens, fundamentada em Lévy, (BEHRENS, & LÉVY Apud SILVA 2004) que propõe o encontro da era digital com a escrita e a oralidade propiciado pelo uso das TIC'S, como oportunidade à comunicação interativa, à aprendizagem colaborativa e ao desenvolvimento da criatividade. Dentro do novo espaço de sociabilidade de organização de informação, de conhecimento e de educação surgem novas necessidades ao educador que se forma e que deve ter consciência do contexto socioeconômico-tecnológico, cuja característica geral não está mais na centralidade da produção fabril (SILVA, 2004) ou da mídia de massa, mas na informação digitalizada como nova infraestrutura básica de estabelecer relações, como e fosse um novo modo de produção.

Silva (2004) afirma que para incluir-se no mundo digital, deveremos dar conta de quatro exigências oportunamente favoráveis à educação cidadã. Primeiro o professor precisará se dar conta de que transitamos da mídia clássica para a mídia on-line. E isso condiz a compreender a diferença entre elas, que está na ação do sujeito que a usa, lê, e a manipula. A mídia clássica se contenta em reproduzir e transmitir a mensagem, visando o maior alcance e a melhor difusão possível. Na mídia on-line, o interagente-operador-participante não recebe apenas informação, ele a manipula, participa na elaboração dos conteúdos da comunicação e na criação do conhecimento. A estabilidade fixa da mídia clássica não opera na mídia on-line que pode ser manipulada dependendo apenas do olhar crítico de quem o opera (MACHADO, 1993, p. 180 apud BIANCONCINI 2013.).

O professor precisará se dar conta do hipertexto próprio da tecnologia, Digital. A viabilização dos textos tridimensionais dinâmicos, produzidos através das memórias não lineares, que são manipuláveis e interativas. Acessíveis por meio de conexões de links que estão interconectados e que lhe permitem acessar outras telas e textos através de palavras chaves. “Na perspectiva do hipertexto, o professor constrói uma rede (não uma rota) e define um conjunto de territórios a explorar. O hipertexto não oferece uma história a ouvir, mas um conjunto intrincado (labirinto) de territórios abertos à navegação e dispostos a interferências, e as modificações”. (SILVA, 2004).

²⁹ Mais do que nunca o homem foi esvaziado de conteúdos e encharcado da necessidade de desenvolver sua cognição e raciocínio para leitura, resolução de problemas e leitura de mundos. Revolução da memória (MOSE, 2013).

O professor precisará se dar conta da interatividade como mudança fundamental do esquema clássico da comunicação. Ele passa a formular problemas através da reflexão dos fatos, ao invés de transmitir informações e saberes, em uma perspectiva interacional, ele coordena equipes, viabiliza aprendizagens, valoriza a possibilidade de diálogo e colaboração. A participação bidirecional, hibridação, a permutabilidade e potencialidade. Ou seja, nesse viés o resultado dessa prática se dá na co-criação.

O professor precisará se dar conta de que pode potencializar a comunicação e a aprendizagem utilizando interfaces na Internet. A multiplicidade de aprendizados e funções que se promovem através do uso da internet e de softwares e hardwares, além de páginas disponíveis na internet, são múltiplas. Sejam através de blogs, e-mails, chats, ambientes virtuais de aprendizado. Ela é em si a polifonia dialógica entre páginas e pessoas diferentes, que podem acontecer em tempo real, ou não. É um local de encontro, um conjunto de elementos, em um ciberespaço, mais também, um local de aprendizado, de interação e troca. “É mais do que um mediador de interação ou tradutor de sensibilidades entre as faces”. Isso sim seria "ferramenta", termo inadequado para exprimir o sentido de "ambiente", de "espaço" no ciberespaço ou "universo paralelo de zeros e uns" (Johnson, 2001, p. 19 Apud CARVALHO 2013). O professor deve superar a pedagogia da transmissão, para a pedagogia da construção dos conhecimentos múltiplos, das possibilidades através da dinâmica hipertextual, interativa das interfaces. Assim o pesquisador demonstra a importância da utilização da internet no processo educativo, justificando a necessidade da formação continuada de professores na educação superior.

Amparado pelas mudanças citadas acima e pelas constantes necessidades criadas pela modernidade que nos deixou uma herança tecnológica, e que por outro lado, nos deixou um caos social e uma imaturidade política, denúncia pelo professor Rui Canário depois citado por Parafrazeado por Viviane Mosé, que culpabiliza a ausência da escolarização nesse processo, como parte da formação necessária ao indivíduo que se forma. Diante a desilusão dos sonhos não concretizados do mundo moderno que acabou por despencar sobre nossas cabeças com todas essas mudanças ocorridas nos últimos anos do século XXI, e da eminência de grandes transformações econômicas e desastres ambientais. O Estado soberano através de políticas educacionais, dentro do que é cabível no limite orçamentário deveria incentivar e financiar as mudanças necessárias como visto no último projeto de lei que O Congresso Nacional decretou, Segundo o PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, no Projeto de Lei Nº 8.035, de 2010, no anexo I, para o decênio 2011-2020, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214, da

Constituição, visando no disposto IV a melhoria da qualidade do ensino; no V a formação para o trabalho; VI – promoção da sustentabilidade socioambiental; VII – promoção humanística, científica e tecnológica do país; como parte das estratégias e metas da educação no Brasil as universidades contemplam e obrigam por lei a indução na melhoria da qualidade dos cursos de pedagogia e licenciaturas através de seus meios de avaliação a aquisição de competências necessárias a conduzir o processo de aprendizagem de seus futuros alunos, combinando formação geral e prática didática, por meio do uso de tecnologias. Fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de inovação das práticas pedagógicas nos sistemas de ensino, que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos estudantes. Selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para o ensino fundamental e médio, asseguradas a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que foram aplicadas, Contempla de maneira aligeirada a educação superior no Brasil no mesmo documento no ponto 14.4, que fala sobre expandir a oferta de cursos de pós-graduação stricto sensu, utilizando metodologias, recursos e tecnologias de educação à distância, inclusive por meio do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Não contemplando em mais parágrafos do mesmo documento.

A necessidade de formar um novo docente para esse tempo que nasce com competências voltadas a compreender as inter-relações pedagógicas, psicológicas, políticas e tecnológicas no ensino e na aprendizagem, possibilitando um redimensionamento formativo e continuado desse educando que também se tornará educador e tem o tempo como um vilão que ele deve aprender a administrar com as novas configurações e desdobramentos do tempo e do trabalho docente. “Estudos sobre o tema apontam que a formação do professor para a utilização da informática nas práticas educativas não tem sido priorizada tanto quanto a compra de computadores de última geração e de programas educativos pelas escolas (UNESCO, 2008)”.

As tecnologias certamente multiplicaram o trabalho, e o tempo encurtou, e o professor que ensina, pesquisa, orienta e ainda colabora no processo de extensão universitária, não consegue mais administrar o seu tempo como antes, afim, de participar de processos formativos que não se dão no espaço de trabalho. Dar conta de todos os procedimentos citados acima nessa nova dinâmica do tempo de trabalho profissional, não tem sido possível, a não ser que seja através do trabalho compartilhado e colaborativo, pensado pelo todo, que vai da proposta política pedagógica ao currículo, aos indivíduos que formam o coletivo, como comunidade, gestão, funcionários e alunos. Diante ao exposto, surge um impasse! Quem estará disponível, se a sobrecarga é generalizada sobre o corpo docente? Há que ter paciência e aguardar a

disponibilidade das partes para que as tarefas e trabalhos sejam compartilhados e cumpridos sem prejudicar a ninguém, inclusive o aluno. Estudos dizem que à ideia da proletarização do trabalho docente que vem acontecendo a algumas décadas, e que abarcou a educação básica³⁰ (COSTA et al, 2013) hoje também chega à educação universitária (OLIVEIRA, 2011). Trata-se de um processo crescente na educação. Mais do que isso, hoje se trabalha mais do que se trabalhava, acumulam-se as tarefas, sobrepõem obrigações. Encurta-se o tempo e a remuneração, com o arrocho salarial, e o plano de carreira vai se esvaindo, indo para segundo plano. O profissional da educação não dá mais conta de suas perdas históricas trabalhistas, a começar das perdas salariais, o plano de carreira, o aumento de alunos por sala, a atendimentos diários de orientação que se multiplicam para cada profissional da educação no ensino superior, a lógica de encurtamento do tempo imposta aos trabalhadores intelectuais, que hoje se assemelha ao trabalhador braçal, que mesmo com poucos anos de estudos, começa a ganhar salários semelhantes, não desvalorizando a classe, assim como visto nas primeiras formas de serviço assalariado no período da Revolução Industrial em 1780 na Inglaterra. Por apresentarem tais características de trabalho alienado, os formadores da educação superior, se aproximam da definição dos clássicos proletários “a classe dos trabalhadores assalariados modernos, os quais, não tendo os próprios meios de produção, estão reduzidos a vender sua força de trabalho para poderem sobreviver”. (MARX e ENGELS, 1998, p.68)

Pensando as virtudes, habilidades e competências que o novo profissional da educação universitária deve ter, baseando-se no desenvolvimento integral através de uma formação integradora, de um profissional que contextualize o aprendizado vivido em sala de aula, igualando as necessidades dos alunos aos objetivos pedagógicos que devem ser atingidos. Essa educação que não seja fragmentada, mas sim integral voltada para a resolução de problemas, os quais estão sujeitos todos que se submetem a vida profissional e social. Dessa maneira o professor. Segundo Valente & Almeida (1997), a formação do professor deve prover condições para que ele construa conhecimento sobre as técnicas computacionais, e entenda o porquê de integrar o computador na sua prática pedagógica, e assim, se torne capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica. O uso das novas tecnologias nesse contexto é de suma importância diante a quantidade de aparatos tecnológicos que se usam na adaptação da vida humana ao mundo pós-moderno, e o desenvolvimento de novas habilidades para a era digital

³⁰ Uma das consequências mais perversas desse sistema é a frustração de expectativas no ambiente escolar. Frustram-se as alunas, que vão à escola esperando aprender e se deparam com professores (as) que lutam diariamente para vencer os empecilhos – que vão desde a formação, cada vez mais precária e aligeirada, até a falta de condições para aperfeiçoamento e estudo, além dos problemas estruturais das escolas.

na qual vivemos que requer desse novo profissional que se forma na educação superior, e que depois ensina o que aprendeu, pensando como habilidades a serem desenvolvidas, a capacidade de comunicação verbal e escrita, o saber usar ferramentas tecnológicas interativas, acuidade em saber interpretar as mais diferentes multimídias, o saber respeitar pontos de vista opostos aos seus, quando em convívio na WEB, verificar a veracidade das informações coletadas, e que elas sejam fidedignas, navegar pela internet por links, por estruturas hipertextuais, selecionar informações, saber relacionar-se de maneira intergrupar, participativa, integrativa e complementar. Estas são habilidades básicas e necessárias a todos que navegam na web. 2.0³¹. Hoje no mundo a educação também é chamada de 2.0, e a partir dos avanços tecnológicos e das tecnologias educacionais sofisticadas assim como todo o acervo e montante de ambientes virtuais e de ferramentas de aprendizagem, que permitem aprender e reaprender, equalizando o potencial do desenvolvimento de todo potencial de aprendizagem autônoma de cada aprendiz virtual, apoiado em um saber mediatizado por informações disponibilizadas em conteúdos pelas instituições de ensino superior, e pela internet que é armazenadora de uma infinita gama de informações. Como parte importante do processo formativo continuado do professor, pensar as matrizes que orientarão essa formação respaldada no espaço e tempo o qual se vive, pensando a construção do currículo como parte importante na ação e preparação de norteadores.

O currículo como base estruturadora do método para o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas IES

Segundo Gesser & Ranghetti (2004) em seu artigo, “O Currículo no Ensino Superior, Princípios Epistemológicos para um Design contemporâneo”, que menciona a responsabilidade que os educadores que pensam e ensinam e sabem que o ensinar é um ato político, como disse Paulo Freire, em Pedagogia para a Vida, quando pensou a criação de um método a partir de uma palavra geradora, do mesmo modo, que pensar a formação de profissionais a partir de um currículo gerador dinâmico e adequado ao tempo e espaço que vivemos, e as necessidades político-econômicas, feito para atuar frente às mudanças informações que freneticamente ocorrem no mundo tecnológico, são premissas indispensáveis ao mundo da educação superior. A observação e a análise em forma de linha do tempo da história parcial do que conhecemos do

³¹ Um dos grandes precursores no estudo da Web 2.0 foi o estudioso Tim O’Reilly, que conceitualiza o termo Web 2.0 como “mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva” [O’REILLY, 2005, p.3].

currículo, em uma perspectiva histórica que parte do positivismo de Comte, a prática curricular que se observa nas universidades, constitui-se por um paradigma epistemológico positivista, o qual se configura por aspectos de um saber pronto e acabado em si mesmo, disciplinarmente organizado, sequenciado linearmente e transmitido, na maioria das vezes, verbalmente pelo professor. A importância de se refletir sobre esse modelo curricular está no fato de estarmos vivendo em tempos pós-modernos, o que significa dizer que necessitamos de modelos e práticas que tenham por base outro paradigma, ou seja, que concebam os conhecimentos e os processos de formação como espaço conceitual no qual se constroem novos saberes como resultados sempre contraditórios de vários processos históricos, culturais, sociais, necessários ao tempo presente. (CUNHA, 2005 apud GESSER & RANGHETTI, 2004).

Pensado de uma maneira linear e com objetivos voltados somente para o sistema econômico capitalista, a ideia defendida, é a do profissional que cria um método de construção curricular que valorize a interdisciplinaridade o multiculturalismo, a economia e a sociedade em que vivemos. Dentro das modalidades educacionais estudadas que se complementam, ambas contempladas nos Documentos Oficiais como exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto à obrigatoriedade do uso de tecnologias. Ponte, (2000) destaca que o processo de apropriação das TIC'S, além de ser necessariamente longo, envolve duas facetas as quais não se pode confundir: a tecnológica e a pedagógica. Elas se complementam, tais como didática e o método. (PONTE, 2000, p. 2). Assim, não é de admirar as atitudes dos professores em relação às tecnologias de informação e comunicação: Alguns as olham com desconfiança, talvez por não acreditarem que não podem domina-la, procurando adiar o máximo possível o momento do encontro indesejado. Outros as usam na sua vida diária, mas não sabem muito bem como as integrar na sua prática profissional. Falta didática e método. Outros, ainda, procuram usá-las nas suas aulas sem, contudo, alterar as suas práticas, pensando apenas a reprodução de lógicas de ensino. Por final, conclui-se que devemos usa-la e adequá-la ao processo de ensino que tem como entendimento a proposta de construção de um currículo que contemple o uso das TIC'S.

O currículo é a expressão dinâmica do conceito que a escola e o sistema de ensino têm sobre o desenvolvimento dos seus alunos. “E para o ensino superior”, apenas parte do processo de adaptar os conteúdos, as ferramentas tecnológicas que surgem, e que se complementam de uma obrigatoriedade no processo de desenvolvimento de habilidades e competências para a autonomia do educando, seja para o mercado de trabalho, seja para a vida em sociedade. A modalidade educacional voltada para o ensino médio e superior, ainda preserva princípios

tradicionais, provocando um descompasso entre discurso, prática e demandas no âmbito da formação humana e profissional. Não há consenso em torno da palavra currículo. Várias são as concepções. Apple (1994 apud BIANCONCINI, 2013) argumenta que: O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos. É produto de tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo. (APPLE, 1994, apud BIANCONCINI, 2013 p. 59).

As literaturas, voltadas aos estudos de currículo no ensino superior, sinalizam que os componentes curriculares dessa modalidade de ensino produziram maior sentido à formação, se estabelecessem vínculos com o contexto de atuação na vida dos sujeitos em formação e dos saberes necessários ao exercício da profissão. Por isso, é salutar que a proposta de currículo para a contemporaneidade cultive em sua estética elementos que auxiliem o ser humano a ser mais, a transcender seus limites e a trabalhar sobre suas possibilidades para recriar o próprio modo de fazer e pensar cada profissão. Para tanto, faz-se necessário romper com aquela “[...] racionalidade tecnocrata estéril”, na qual os docentes são orientados a usar modelos diferentes de ensino, administração ou avaliação. “Não existe a criticidade dos pares nesse modelo de educação”. Nesse sentido, argumentam Gesser & Ranghetti (2004) que “confrontar os tempos históricos” torna-se fundamental quando se pensa em princípios para design de um currículo escolar. Toda política curricular é uma política cultural, pois o currículo é fruto de uma seleção da cultura e é um campo conflituoso de produção de cultura, de embate entre sujeitos, concepções de conhecimento, formas de entender e construir o mundo. (LOPES et al 2009, p. 111).

Se o pensamento moderno pressupõe linearidade, sucessão e sequenciamento obrigatório das ideias mais simples as mais complexas, da teoria para a prática, a noção de rede exige considerar a horizontalidade das relações entre os diferentes conhecimentos e a pesquisa é um princípio básico para um design de currículo que atenda a formação nesses parâmetros. Nesse contexto como organizar o currículo no ensino superior? Acreditamos que problemáticas relacionadas ao campo de atuação do profissional em formação podem constituir-se em eixos ou componentes curriculares que mobilizarão o emprego desse pressuposto; ou seja, a pesquisa como ferramenta mobilizadora de toda a ação pedagógica com os sujeitos em formação se torna o principal caminho a ser trilhado. Por exemplo, a utilização da pesquisa exploratória, de levantamentos e seu registro serão ferramentas básicas para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem. a medida em que prática e teoria caminharão com a mesma intensidade na elaboração do referencial da formação profissional. (PACHECO, 1996). Como

operacionalizar a organização de um currículo com esse princípio vai depender de cada colegiado de curso e também da natureza da área. Segundo Goodson (2008), o arcabouço estrutural que orientar o uso ou não desse princípio deverá ser tratado e definido no âmbito de cada curso. A pesquisa ou as ações do tipo investigativo superam o modelo hierárquico em que a teoria antecede a prática. Assim, ao indicarmos a pesquisa como princípios norteadores de um design curricular para o ensino superior que pretenderam concretizar o rompimento da “histórica segmentação e hierarquização entre teoria e prática, em que o momento da teoria precedia o momento da prática, que se dava apenas através dos estágios [...]”. (ALVES; GARCIA, 2001, p. 79). Para Gesser & Ranghetti (2004), o currículo, assim, propicia “num primeiro momento que o acadêmico vá a campo sem a teoria e consiga perceber elementos que o auxiliem a contextualizar e situar o campo”.

O currículo do ensino superior constitui parte, ou a continuação da construção de uma base curricular que parte da educação básica e por todas as suas etapas e termina na construção de um currículo para o ensino superior, que continue contemplando aspectos que se somam aos já apontados, desenvolvidos e aprendidos na educação básica, e depois, pensado para a formação intelectual e profissional do indivíduo na educação superior. O que se quer é uma educação básica de qualidade que potencialize habilidades e competências, assim como uma educação que profissionalize o educando para o mercado de trabalho. Porém, a primeira fase de sua formação voltada para o desenvolvimento de habilidades e competências para aprendê-lo a viver a vida em sociedade, e a segunda integrada à educação profissional rompendo com a dualidade que historicamente separou os estudos preparatórios para a educação superior da formação profissional no Brasil.

Para compreender a atual conjuntura econômica e universitária, são as primícias necessárias existentes para a construção de um currículo que abarque o uso de tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento do ser humano nos espaços de socialização. Precisamos entender que a discussão no campo curricular exige uma compreensão dialética e plural, fundamentada no princípio da complexidade e multireferencialidade. Devemos pensar que o espaço universitário é um lugar a ser lido, compreendido com suas características únicas e singularidades, pensada e refletida. Um caminho que deve ser entendido para a construção dos conteúdos que deverão ser propostos se necessários, e que esteja de acordo com a região a qual se vive, seja ela urbana ou rural, partindo do local para o global, ou vice versa, sempre facilitando o processo de ensino e de aprendizagem, a serem trabalhados no projeto político

pedagógico para a construção do currículo³². As IES se embasam nas informações locais, em suas especificidades e em experiências locais seja da escola ou dos alunos para construir seu currículo. Segundo Gesser & Ranghetti (2004) a estrutura que sustenta a prática de formação observada ainda preserva princípios tradicionais, provocando um descompasso entre discurso, prática e demandas no âmbito da formação humana e profissional no ensino superior. Já que deve estar mais comprometida para atuar em uma sociedade cheias de incertezas e de individualidade, porém, que seja voltado a emancipação do aluno. Aqui observamos o mesmo objetivo na construção do currículo para a educação básica. As IES têm maiores dificuldades com relação à construção de um currículo menos engessado e mais dinâmico, pois preservam em si valores epistemológicos fundamentais para formação do educando.

A reformulação curricular pensada e executada em muitos estados do país na educação básica nos últimos anos precede uma nova ideia e forma a ser pensada de maneira coletiva e democrática em qualquer fase da educação, seja ela, na básica ou não superior a respeito de como se construí-lo. O currículo precisa ser de fato um instrumento de mobilização da construção coletiva do conhecimento escolar e universitário. É importante também que o currículo esteja em harmonia com o projeto político pedagógico. Ele tem que ser entendido como a realidade cultural da criança ou do adulto. Planejá-lo é um processo complexo que abrange diversos aspectos desde o aluno ao sistema social o qual estão inseridos. Deixando claro e transparente que as ênfases curriculares tidas como as mais adequadas para a formação do estudante universitário para o tempo presente, são aquelas que sejam capazes de atender ao desenvolvimento completo do aluno, seja para o mercado de trabalho, a vida, mas também que forme um cidadão de bem, autônomo e apto a viver em sociedade. Segundo o programa de apoio aos dirigentes municipais de Educação. Marcos Legais da Educação Nacional de 2007, A ideia de criação de um conjunto de orientações que norteassem as ações nas universidades, vem de necessidades de uma orientação prévia, mas também da obrigatoriedade posta a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) orientados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, sempre em consonância com as diretrizes emanadas do Conselho Nacional de Educação e dos conselhos de educação dos Estados e Municípios.

Como importante proposta de orientação aos professores, partindo do ponto de vista pedagógico, o currículo deveria ser construído a partir de um conjunto de disciplinas e atividades estruturadas que teria como objetivo fornecer bases para que seja alcançada certa

³² O espaço escolar está diretamente relacionado à didática e ao projeto político pedagógico, mas poucas pesquisas investigam sua influência no âmbito pedagógico (MONTROYA, 1997). Como revela DEROUET-BESSON (1996), é um campo novo de pesquisa que necessita ser explorado.

meta em função de um planejamento educativo. O currículo pode ser compreendido como um instrumento onde o professor pode se orientar a partir dele. Segundo Moreira (1997) os primeiros registros de currículos encontrados no século XVII, estavam sempre relacionados com o projeto de controle do ensino e da aprendizagem. Ou seja, a princípio o currículo foi criado com uma proposta de manutenção desse controle. O currículo envolvia uma ideia entre o conceito de método e ordem, sendo instrumento de conteúdo regulador também da administração escolar.

“Currículo é uma obra que está a meio caminho entre o texto puramente teórico e o manual de atividades, configurando-se como instrumento de apoio à organização da ação escolar e, sobretudo à atuação dos professores.” (KRAMER, 1991, p. 14 Apud OLIVEIRA 2011).

O local de maior concentração do uso de tecnologias movimentou os espaços educacionais com sua banalização, e o uso indiferenciado aconteceu em grande segmentação da sociedade. Segundo Kenski (2013), pensando em construir uma cultura digital capaz de aumentar a mobilidade diante as distâncias e proximidades, através da virtualidade, entre outros, no processo de aprendizagem que foram criados os laboratórios e a EAD nas IES. Mesmo assim a revolução esperada não aconteceu no processo de ensino universitário, pois estava desarticulado de mudanças estruturais que eram necessárias no processo de ensino, nas propostas curriculares, e na formação dos docentes universitários para uma nova realidade educacional, porem com as mesmas práticas pedagógicas. Embora nos designem como uma geração “analógica” que está em processo de apropriação em relação à geração digital, cujas tecnologias de informação e de comunicação já lhe são parte, aonde todos nós pertencemos, é premissa construímos uma cultura digital na prática docente como a nos tornarmos usuários dessas tecnologias que serão obsoletas e por isso a necessidade de uma formação contínua, além de produtores de conhecimento na sociedade³³ da informação.

No Brasil, o campo do currículo passou por diferentes enfoques a princípio o currículo brasileiro foi entendido como uma transferência educacional do modelo americano para o nosso país, uma cópia da tendência tecnicista, já utilizada em décadas anteriores. Essa tendência procurava adaptar a escola e o currículo às rédeas ideológicas do capitalismo que vinha se fortalecendo.

³³ A sociedade, em que todos estão ligados por inúmeros canais, em uma comunicação que acontece de modo espontâneo, provisório e pontual, em meio a uma multiplicidade de acessos e informações, termina por valorizar todo núcleo capaz de atingir pessoas e faz isso quem tem alguma coisa a dizer, quem tem algum tipo de conteúdo e quem compartilha (MOSÉ, 2013).

A trajetória do currículo pode ser analisada sob várias perspectivas, entre as quais se pode destacar: o enfoque imperialista, cultural, a do Neocolonialismo. As contribuições do enfoque imperialista deram ênfase a influência do fator capitalista interferindo no sistema educacional, ou seja, acreditando que a escola vai atender às necessidades do sistema político e econômico vigente, assim o currículo adquire um caráter ideológico, idealizado para esse fim. Para o Neocolonialismo a dependência cultural não é totalmente ruim nem totalmente boa. O que dificulta, são as interpretações do modelo americano a ser transferido. (MOREIRA, 1997).

A importância desses agentes na criação e da análise dos currículos, tanto de seus conteúdos como de suas formas, é processo fundamental e básico para entender a missão da instituição universitária em seus diferentes níveis e modalidades. “Pensar cuidadosamente sobre o que nós ensinamos, sobre como ensinamos, reconhecendo que cada currículo, curso de estudos ou forma pedagógica pode sempre ser melhorada” (J.H.J. - John Harvard’s Journal, 2002, p. 55 Apud PEREIRA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda formação deve ser inclusiva, sendo assim, todo esse esforço da União junto as Universidades para acompanhar o desenvolvimento tecnológico já observado em países já desenvolvidos com relação ao uso das tecnologias de informação e comunicação, e a estruturar políticas públicas e escolas públicas informatizadas capazes de acompanhar o seu tempo, também como professores capacitados a orientar os alunos na mediação do aprendizado no Brasil, teve resultados significativos com relação à desenvoltura dos educadores que fizeram formações continuadas, ou foram formados por educadores que já estavam hábeis o uso de novas tecnologias. Com o passar dos anos, a formação foi insipiente com relação à totalidade das universidades, professores e das escolas públicas que temos no país. Apenas uma pequena parcela de professores passa por formações adequadas e se mostram aptos a trabalharem com o uso de internet, computadores, ferramentas digitais e objetos tecnológicos como data show, notebooks, memórias virtuais, como o armazenamento de informações em nuvens. Diante os desafios impostos, por ser uma tecnologia que se renova o tempo todo, todos eles são já precoces na necessidade de formação para utilização e de ajuda continuada, que quase sempre não são oferecidas por falta de recursos estruturais e financeiros. Caminha-se com o caminhar da carruagem, que pode ser lenta e outras vezes rápida.

Existem vários estudos encaminhados que estão investigando os usos e efeitos das novas tecnologias nas escolas públicas e nas formações continuadas financiadas pelos governos locais aos profissionais da educação, assim como também nas universidades do país, como o caso da Educomunicação³⁴ que é um conceito ou metodologia pedagógica que propõe a construção de ecossistemas comunicativos com relação horizontalizada entre os participantes e produção colaborativa de conteúdos utilizando os recursos tecnológicos disponíveis. Segundo a pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP (NCE), os Educomunicadores são os profissionais que demonstram capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Educação/Comunicação. Entre as atividades que desenvolve, destacam-se:

³⁴ O conceito de Educomunicação é relativamente novo. Surgiu a partir das pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) no final da década de noventa (1997-1999) após a realização da Pesquisa Perfil do Educomunicador. A mesma foi coordenada pelo professor Ismar de Oliveira Soares, reconhecido internacionalmente por suas pesquisas na inter-relação Comunicação e Educação. Os resultados da pesquisa foram publicados em 1999 na extinta revista Contato (Brasília, DF, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999, p. 19-7).

a) A implementação de programas de "educação para a comunicação", favorecendo ações que permitam que grupos de pessoas se relacionem adequadamente com o sistema de meios de comunicação.

b) O assessoramento a educadores no adequado uso dos recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania.

Mesmo diante as pesquisas feitas e o conhecimento científico produzido os educadores ainda se mostram quase sempre inaptos no que diz respeito, auto formação e a capacitação, quando pensada para ser estendida a todos os profissionais da rede que acabam por ficarem desatualizados com as novas tecnologias e ferramentas digitais, já que não existe nem se quer um formador ou profissional capacitado em cada unidade escolar, que seja capaz de levar a atualização necessária aos demais educadores diante a velocidade da produção de novos objetos digitais eletrônicos que se produzem e não são acompanhados e nem acoplados as universidades e nem pelas escolas públicas, que alegam não possuem tempo o suficiente para estudarem e se capacitarem para o uso das TIC'S em sala de aula, ou em outros locais de formação. Seja pelo tempo, ou seja, pela disponibilidade de ofertas de cursos voltados para a área, à formação, elas não têm acontecido como devem. Apenas alunos recém-formados conseguem se adaptar aos usos adequados das novas demandas da escola pública no que diz respeito a digitalização de notas e faltas em sala de aula e ao uso de data show, insumos utilizados no dia a dia, como televisão, câmera, pendrive, memória em nuvem e outros aparelhos digitais utilizados para utilização de outras linguagens de ensino, como a música, as imagens. Concluimos que apesar do aumento de estudos sistematizados sobre o tema e da grande produção bibliográfica que surgem sobre o uso das novas tecnologias na educação, e na formação de professores (TIC'S). Além das alterações que tem sido propostas na estruturação dos projetos políticos pedagógicos³⁵, respaldando a criação e uso de tecnologias digitais nas escolas e universidades, assim como em seus ambientes, como laboratórios digitais sofisticados e espaços de formação continuada, os pesquisados e usuários não alcançam o resultado, nem repostas significativas nas aprendizagens, deixando a desejar a falta de investimentos econômicos e técnicos em pessoas que deem suporte nas universidades e escolas básicas públicas³⁶, assim como nas comunidades escolares que trabalham esses educadores, por parte

³⁵ "Para as escolas, recomenda-se incluir a tecnologia no PPP da escola, incluir a tecnologia no planejamento das aulas e projetos, sociabilizar as boas práticas entre professores, refletir sobre os novos paradigmas educacionais com o uso das TIC's e diferentes modelos de uso de disponibilização dos computadores". (IDIE, 2008).

³⁶ Nos casos em que não há o envolvimento dos professores ou não lhes são fornecidos formação específica e tempo para inserção no processo de informatização da escola, observa-se como resultado que os professores da escola não aprendem

dos administradores e governantes responsáveis. A utilização do microcomputador e da Internet propiciou o desenvolvimento de um modelo pedagógico mais interativo na educação presencial e à distância e alguns educadores apesar de perceberem as mudanças, continuam não alcançando os resultados desejados no trabalho docente. Ou seja, resta saber como o uso dos computadores poderá de fato fazer diferença na aprendizagem. Trazer ressignificação ao ato de ensinar e aprender.

A escola brasileira ainda reflete as estruturas de reformatórios, fábricas e de prisões, com efeitos redutores e castradores, por suas limitações espaciais, geográficas, que afastou professores comprometidos com a educação, seja por questões salariais, seja por questões filosóficas, desde o período da ditadura militar em 1964, conforme dito pela filósofa Viviane Mosé. Essas consequências se estenderam ao ensino universitário como centro de produção de ciência e conhecimento científico locus de discussões e debates acadêmicos importantíssimos para as mudanças necessárias na sociedade. A formação das crianças e jovens no país sempre foi extremamente prejudicada, por consequência das mudanças ideológicas. Acostumamos a nos referir a escola como solução para todos os problemas que enfrentamos no decorrer da vida, mais talvez ela seja o fim do centro dessa questão, por nos capacitar a ler com clarividência os fatos. Imaturo, fragmentado, desvinculado do todo, é o modelo de ser humano que insistimos em reproduzir na escola, pela forma retrograda que utilizamos como método na prática do ensino em sala de aula. “Não podemos mais incentivar esse tipo de ensino e prática. O rompimento é necessário para a saúde da educação e da escola e como consequência dos profissionais que trabalham nela. Dentro de um conjunto de ideias pensadas e formuladas desde o iluminismo que associavam a ideia de razão, felicidade de progresso, em função dessa ideia, iniciou-se a corrida pela escolarização, e pela formação, mais as expectativas em torno da escola e com sua relação com o progresso e a justiça social não aconteceram, ao contrário, quanto mais as sociedades se escolarizaram, mais se confrontaram com problemas de ordem social e política, à medida que as sociedades evoluíram, principalmente por causa das desigualdades, e quando mais as sociedades se escolarizam, mais o abismo entre o domínio técnico e a capacidade de convivência e ação. Nos tornamos mais seres virtuais, do que sociais? Somos seres sócio-virtuais, porque caminhamos uma vida sustentada pela internet. Vivemos pagando um preço muito alto, o de um desequilíbrio imenso, entre um conhecimento científico e técnico e nossa capacidade de relação e reina então a ignorância, ao contrário da racionalidade que é nosso modelo de conduta, talvez fio no processo educativo. O modelo

como lidar com tais tecnologias e muito menos como fazer bom uso delas em suas aulas (UNESCO, 2008b, 2008c).

escolar que ainda predomina no Brasil, ele foi marcado por três grandes fatores, a industrialização tardia o regime militar, e agora a internet, inspirada na linha de montagem de uma fábrica, nossa escola se caracterizou pela fragmentação, pela segmentação e pelo modo de ação, a nossa vida escolar, se organiza em series, como uma linha de montagem. Os saberes são separados uns dos outros e não tem conexão entre o conhecimento e eles são completamente afastados da vida, o ensino médio chega a ter 13 cadeiras ou disciplinas, o tempo tem 50 minutos com um sinal no meio, o espaço é segmentado, são múltiplas salas com pouco convívio entre os pares, e convivência, a escola para todos, a escola de massa que queria produzir mão de obra para o mercado e o país nasceu como uma fábrica, e conserva os mesmos moldes até os dias atuais. O país precisava de gente nessa engrenagem que estava nascendo, e o exército de reserva era imenso. A ideia da escola como uma educação ampla e plena que produzissem pessoas éticas, saudáveis, capazes de lidar com a frustração, essa ideia não estava incluída na escola, ao contrário, carregando a herança do regime militar, a educação brasileira se tornou refém de um regime disciplinar. Amamos até os dias atuais a disciplina e o silêncio, incabível aos dias atuais, mesmo nas IES. Chamamos de grade o currículo, ela a universidade ainda chama de disciplina os conteúdos e ela chama de prova os dispositivos de avaliação internos e externos. Essa escola anulou os conteúdos de artes, literatura, sociologia, durante um período de nossa história, quase vinte anos o pensar ficou proibido, e acumular dados virou um habito dos alunos até os dias atuais ainda valorizam esse tipo de professor, deixando de lado à criatividade e a inteligência na escola, então repetir virou um habito, acumular dados virou um vício, mais o bom comportamento a ordem e a disciplina.

A nossa educação cada vez mais cientificista e tecnicista, é o que temos para contribuir com essa educação. Reproduzir o que aprendemos com os nossos professores, ou romper com os atuais métodos de ensino, é uma constante eternamente necessária ao processo de formação do individuo. O problema da educação não são os jovens que não se interessam e não prestam atenção ou se sentem interessados pelos conteúdos abordados. A universidade, assim como a escola de educação básica é um espaço isolado afastado das questões que movem a vida das pessoas, dos desafios da cidade e da sociedade. As crianças que entram muito jovens nas escolas são treinadas a verem as escolas a partir de si mesmas, não que seja errado. De sua condição social, de ganhador de vencedor, de arrogância ou de revolta, mais jamais são estimuladas a verem a sociedade como um todo, com suas infinitas contradições, seus espaços, seus problemas, que se intensificam, e não nos ensina a defender a nossa cidade, a nossa fé, e aquilo que acreditamos. A falta de conexão entre as coisas e pessoas, esse afastamento

impulsiona a angústia e o consumo, mais não só de produtos, mais de pessoas, de objetos, de drogas ilícitas e ilícitas, Jurandir Freire diz que nós destruimos aquilo que não temos capacidade de transformar. Continuamos a ver as coisas prontas e estáticas. Destruímos a nós mesmos, somos uma sociedade que machuca a si mesma e que se fere em todo o tempo. A hiper-especialidade, a escola e o ensino voltado para o científico. Raciocinamos de forma fragmentada, descontextualizada a nós, ao pensar dividimos, e segmentamos o mundo como uma linha de montagem, pensar é separar é dividir, as questões que nos chegam são planetárias, são globais, e o mundo pensa cada vez mais por conexão, se o hábito e o convívio se passa por link e conexões, o nosso raciocínio passa com segmentar e separar, nós assim vamos vivendo acoplados a uma parcela tão pequena de realidade, que esquecemos o que pensamos o que nos alegra o que nos agrada. A escola não satisfaz mais ninguém, nós não podemos culpar os alunos. Ela não satisfaz mais os educandos, professores e os gestores, nem mesmo os mercados, nem as cidades. A violência verbal, sonora, os altos índices de evasão escolar, o desinteresse, o baixo rendimento. Tudo isso significa que estruturas muitas antigas precisam de reconstrução. Não adiantam verbas para as escolas, não adianta mais concertar a escola, que nos diminui ao invés de nos fortalecer. Nós precisamos ter coragem e ousadia para enfrentar a exaustão desse modelo para propor uma mudança radical no processo educativo, valorizar os saberes não escolares, vincular a escola como unidade, vincular o saber a vida, produzir pensamentos e não reprodução, e repetição ou acúmulo de dados, a revolução tecnológica é uma revolução da memória, não precisamos mais memorizar a hidrografia daqui ou de lá, Nós Precisamos de um pensamento vivo, atuante e intenso, que nos ajudem a suportar, intuir, e enfrentar os desafios que nos aparecem em todos os níveis e todos os espaços. Não temos lideranças aptas, formamos por diminuição. A escola quer que sejamos todos iguais, e não trabalhamos as diferenças, ela trabalha a identidade. Porém, somos diferentes. O ensino fragmentado para pessoas diferentes. Como podemos produzir pessoas éticas, pessoas maduras que sabem lidar com a frustração. Se a escola nos afasta cada vez mais da cidade, se a nossa escola é a reprodução de um mecanismo de exclusão, nós precisamos de um novo pensamento de um novo modelo que agregue ao invés de separar, ou não sobreviverá possibilidade de vida e discurso pela vida nesse planeta.

Acreditar que os processos que se dão na escola e na universidade já não são suficientes e nem interessantes para os educandos e educadores que se formam, pela reprodução dos mesmos métodos, porém agora com o uso de computadores e da internet e todas as outras tecnologias disponíveis, diante a dinâmica das trocas que se estabelecem o tempo todo, seja de mercadorias, seja de pessoas, seja de interesses com professores que não recebem a capacitação

necessária e nem a remuneração que lhe deveriam ser de direito, roubados do seu tempo, alienando-os através de uma reprodução frenética e descontrolada de cumprimentos de conteúdos e afazeres burocráticos, extremamente desnecessários que impedem que ele consiga dar conta de suas responsabilidades no processo educativo e formativo, tem sido uma das constantes provocadoras de desequilíbrios que impedem que a vida universitária possa ser conclusa em sua missão dentro do espaço de formação chamado escola e universidade. Precisamos de mais do que métodos, didáticas, conteúdos, aparatos técnicos, metodológicas. Precisamos de pessoas capacitadas a lidar com pessoas, com seres humanos, que mediam situações, angustias vontades, desejos, que conseguem lidar com as multiplicidades de argumentos e pessoas o qual estamos sujeitos todos os dias nos espaços formativos. Os órgãos federais através de seus agentes sociais devem cumprir a sua responsabilidade de financiadores de um projeto de escola que seja capaz de abarcar o desenvolvimento de habilidades e competências, mais também que torne o educando um ser sociável, humano, responsável com suas responsabilidades cotidianas, autônomo e desenvolto diante as tarefas do cotidiano e da vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aline M.S. **O professor frente às novas tecnologias de informação e comunicação**, 2014. Disponível << <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/O-professor-frente-%C3%A0s-novas-tecnologias-de-informa%C3%A7%C3%A3o-e-comunica%C3%A7%C3%A3o.aspx>>> acessado em maio de 2016.
- ARRUDA, Felipe. **20 anos de internet no Brasil: aonde chegamos?**. 2011. Disponível em << <http://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm>>>. acessado em maio de 2016.
- BASTOS, Henrique. **O que são Geração X, Geração Y e Geração Z?**. 2011, Disponível em << <http://henriquebastos.net/o-que-sao-geracao-x-geracao-y-e-geracao-z/>>>. acessado em maio de 2016.
- BIANCONCINI, M. E. de Almeida. **Narrativa sobre a própria formação e a formação de professores na integração entre currículo e TDIC**. São Paulo, 2013. Págs. 23. Disponível em << <file:///C:/Users/Gui/Downloads/108-164-1-PB.pdf>>> acessado em maio de 2016
- BAUMAN, Zygmunt, **Sobre educação e juventude**, Ed. Zahar, 2013, Rio de Janeiro/RJ
- BRASIL, **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> acessado em maio de 2016
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros nacionais educação..** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 1998 v.l.;
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação. Ministério da Educação**. Disponível em << <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>> acessado em maio de 2016.
- BRANDÃO, Edemilson & MOURA, Eliane. **O uso das tecnologias digitais na modificação da prática educativa escolar**. Revista Científica Fazer. Disponível em << <http://www.faers.com.br/uploads/revistafazer/f397e7592079dd8b62fba98e2b964f5f.pdf>>> acessado em maio de 2016.
- BRASIL. **Orientações curriculares para ensino Médio: ciências humanas**, 133 págs. Volume 03. Ministério da educação. 2006. Disponível<<http://www.cespe.unb.br/vestibular/1VEST2010/GuiaDoVestibulando/book_volume_03_internet.pdf>>. acessado em maio de 2016.
- BOURGUIGNON, Milber F. M. **Utilização da Internet pelos Adolescentes Brasileiros: Comparação entre Sexo e Frequência de Uso**. Disponível em << http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EMA/ema_2004/2004_EMA0290.pdf>> acessado em maio de 2016.
- CARVALHO, Felipe S. P. & COSTA, Alice M. F. R. **Os desafios do desenho didático da educação online em tempos de cibercultura**. 2013. Disponível em << eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/download/176/46>> acessado em maio de 2016.
- COSTA et. al. **A proletarização do professor: neoliberalismo na educação**. Rio de Janeiro: Empressão Popular. 2013
- CUNHA, Maria. I. **CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. *Revista da Faculdade de Educação*, vol. 23, n. 1 – 2. São Paulo. Jan./Dec.1997. Disponível << http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010>> acessado em maio de 2016.
- DIAS, Márcio S. & MOREIRA, Danilo R. **WEB 2.0 – A WEB SOCIAL**. *Revista CEPPG – CESUC*, 2009. Disponível em <http://www.portalcatalao.com/painel_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/temp/5b8d871edec20a2cea22e4a06c772a66.pdf> acessado em maio de 2016.
- FONTES, et. al. **As TICs em Portugal: que rumos? In: Conferência Internacional de TIC na Educação- Challenges**1999. Braga. Portugal: Universidade do Minho, 1999
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, 42.^a edição.

GESSER, Veronica & RANGHETTI, Diva S. O currículo no ensino superior: princípios epistemológicos para um design contemporâneo. 2011. **Revista e-curriculum**. Disponível em <<<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/6775>>> acessado em maio de 2016.

GOODSON, I. F. **Currículo, Narrativa e o Futuro Social**. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 241 - 252, mai./ago. 2007. Disponível em <<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a05v1235.pdf>>> acessado em maio de 2016.

ISAIA, Silvia M. A. & BOLZAN, Doris P. V. **Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende?** 2004. Disponível <<<http://periodicos.ufsm.br/index.php/reveducao/article/view/>>>. acessado em maio de 2016.

JERONIMO, Simone S. M. **Formação de professores X usos da tic's uma relação existente**. Rio Grande do Sul, 2015. págs 51. Disponível <<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133843/000982349.pdf?sequence=1>>> acessado em maio de 2016

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Tempo Docente**. Campinas: Papirus. 2013

LOPES, et. al. **O uso do computador e da internet na escola pública**. Escola Politécnica USP, 2009. Disponível em <http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/avulsas/estudos1-7-uso-computadores.shtml?page=1>] acessado em maio de 2016.

LOUREIRO, Armando P. F. **Um centro de educação e formação de adultos que aprende**. Educ. rev. vol.26 no.2 Belo Horizonte ago. 2010. Disponível em <<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=scarttext&pid=S010246982010000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>>> acessado em maio de 2016.

MOREIRA, A. F. B. **Currículo: questões atuais**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Ed. Record. 2013

NEPOMUCENO, Carlos. **A internet não é uma mídia, é uma plataforma**. 2010. Disponível em <<<https://webinsider.com.br/2010/12/31/a-internet-nao-e-uma-midia-e-uma-plataforma/>>> acessado em maio de 2016.

NOGUEIRA et. al. **Formação de professores e tecnologias da informação e comunicação – tic's: uma relação necessária para o uso de recursos tecnológicos na educação**. ESUD 2013. Disponível em <<<http://www.aedi.ufpa.br/esud/trabalhos/poster/AT2/114324.pdf>>> acessado em maio de 2016.

PEREIRA, Elisabete M.A. Educação geral na Universidade Harvard: a atual reforma curricular. **Universidade e currículo: perspectivas de educação geral**. 2010. Disponível em <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed04_outubro2011/07_ARTIGO.pdf>> acessado em maio de 2016.

OLIVEIRA, et. al. **O trabalho docente e políticas de formação: a relação entre vocação, profissionalização e proletarização**. Trabalho & educação, vol. 20, Nº2. (2011). Disponível em <<<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/view/641>>> acessado em maio de 2016.

PACHECO, J. A. **Currículo: teoria e práxis**. Portugal, Porto Editora, 1996.

RODRIGUES, Vinícius M. **Estágio Supervisionado em Ciências Sociais: Discutindo o ensino de sociologia no ensino médio**. 2013. Disponível em <<<https://escsunicamp.wordpress.com/2013/12/06/a-proletarizacao-dos-professores-e-o-trabalho-docente-alienado/>>>

SALLA, Fernanda & RATIER Rodrigo. **“ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO BRASIL”**. Revista Nova Escola. Disponível <<<http://noticias.universia.com.br/atualidade/noticia/2013/10/22/1057760/entenda-os-moocs-so-tendem-crescer.html>>> acessado em maio de 2016.

SILVA, Marcos. **Internet na escola e inclusão in Tecnologias na escolas**. 2004. Págs 63-68. Disponível em <<<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>> acessado em maio de 2016.

VALENTE, J. A. (Org.) **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas, SP: NIED-UNICAMP, 1999. Disponível em << <http://www.fe.unb.br/catedraunescoead/areas/menu/publicacoes/livros-de-interesse-na-area-de-tics-na-educacao/o-computador-na-sociedade-do-conhecimento>>> acessado em abril de 2016

VALENTE, J. A. & ALMEIDA. Visão analítica da informática no Brasil: a questão da formação do professor. Revista Brasileira de Informática na Educação. **Sociedade Brasileira de Computação**, Santa Catarina n. 1, 1997. Disponível em:<< <http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoe/rbie/1/1/004.pdf>.>> Acessado em abril de 2016.

VILLA, Vivian & MIGUEL, Maria E. B. **Por uma verdadeira práxis educativa: aproximações das teorias de Paulo Freire e Antonio Gramsci**, 2007. Disponível em << <http://pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-458-04.pdf>>> acessado em maio de 2016.

_____, **Entendendo as gerações VETERANOS, BOOMERS, X e Y**. Disponível << <http://www.pucsp.br/estagios/entendendo-geracoes-veteranos-boomers-x-e-y/>>> acessado em maio de 2016.

